



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

OITEIRO: DESPERTANDO O INTERESSE PELA LITERATURA NO ENSINO
FUNDAMENTAL, ATRAVÉS DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE MAGDALENA
ANTUNES.

JOSÉ CLÁUDIO RIBEIRO DA SILVA

NATAL/RN
2020

JOSÉ CLÁUDIO RIBEIRO DA SILVA

OITEIRO: DESPERTANDO O INTERESSE PELA LITERATURA NO ENSINO
FUNDAMENTAL, ATRAVÉS DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE MAGDALENA
ANTUNES.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Rangel de Sá
Área de Concentração: Linguagens e Letramento

NATAL/RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Silva, José Cláudio Ribeiro da.

Oiteiro: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes / José Cláudio Ribeiro da Silva. - 2020.

128f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Maria Rangel de Sá.

1. Literatura - Dissertação. 2. Ensino Fundamental - Dissertação. 3. Antunes, Magdalena, 1880-1959 - Dissertação. I. Sá, Edna Maria Rangel de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 821.134.3(813.2):372

**OITEIRO: DESPERTANDO O INTERESSE PELA LITERATURA NO ENSINO
FUNDAMENTAL, ATRAVÉS DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE MAGDALENA
ANTUNES.**

JOSÉ CLÁUDIO RIBEIRO DA SILVA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edna Maria Rangel de Sá - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Francisco Fabio Vieira Marcolino - Membro interno
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Wellington Medeiros de Araújo - Membro externo
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Dissertação aprovada em 11 de março de 2020

Dedico este trabalho aos meus pais, Francisco Ribeiro e Maria do Socorro, minha esposa, Maria Suerda, minha filha, Ana Cláudia, meus filhos de coração Flázia e Millahel, e aos meus irmãos e irmãs.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder inspiração, força e sabedoria na realização de todos os meus projetos de vida, inclusive este.

A minha esposa Suerda, por todos os segundos vividos ao meu lado, pela cumplicidade e a certeza de sempre poder contar com sua atenção e desprendimento.

A minha família, por sempre estar presente nos momentos tristes e felizes, oferecendo apoio e confiança.

A minha orientadora, Edna Rangel, uma professora admirável que nos inspira e contagia com sua sabedoria, humildade e compreensão humana.

À CAPES, pelo incentivo e apoio à pesquisa e à qualificação profissional de professores.

Ao Mestrado Profissional em Letras-Profletras- pela oportunidade de formação acadêmica.

A todos os docentes do Profletras-Unidade Natal, em especial, as professoras doutoras: Alessandra Castilho, Glícia Azevedo e Maria da Penha, sempre muito presentes e atenciosas com todos seus alunos.

Aos meus colegas de mestrado, Rosinaldo, Eliane, Bruna, Thaísa, Veriana, Eduardo, Josinaldo, Pedro, Otana e Vera, pelas ricas trocas de conhecimentos em sala de aula e para além dela.

Ao professor e historiador, Gerinaldo Moura, pela disponibilidade e atenção em nos atender sobre quaisquer circunstâncias.

Aos colegas de trabalho da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira, em especial, aos professores Jean, Luiz, Magna, Carlos.

Ao professor Manoel Fernandes, gestor da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira, pelo total apoio em todas as etapas desse trabalho.

Aos meus queridos alunos, pelo entusiasmo e por me proporcionar grande motivação e satisfação com a realização deste trabalho.

Aos senhores e senhoras de Ceará-Mirim, pessoas humildes e generosas que muito contribuíram com meus alunos nos momentos de coleta de informações.

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

Rildo Cosson

RESUMO

OITEIRO: DESPERTANDO O INTERESSE PELA LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL, ATRAVÉS DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE MAGDALENA ANTUNES.

A presença da literatura em salas de aulas do ensino fundamental contribui para a o protagonismo dos alunos na percepção e reflexão sobre as contradições, conflitos e transformações sociais e culturais ocorridas no contexto em que vivem e do qual fazem parte. Para ajudar nesse processo, esta pesquisa de intervenção tem como objeto de estudo a obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), da escritora norte-rio-grandense, Magdalena Antunes. Trata-se de uma narrativa autobiográfica de uma sinhá-moça sobre o contexto sociocultural em que vive no final do século XIX e início do século XX. O objetivo geral da pesquisa é evidenciar a importância da escrita autobiográfica na percepção e construção da memória social e cultural dos sujeitos. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa e tem como principais aportes teóricos Lejeune (2014); Bosi (2015); Halbwachs (2006); Cosson, (2007); Colomer (2007); Compagnon (2009); Cândido (2011). Os participantes da pesquisa foram alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira no município de Ceará-Mirim/RN. Os principais instrumentos de geração de dados utilizados na pesquisa foram: questionário, entrevistas, textos escritos e audiovisuais produzidos individual e coletivamente pelos alunos. Os resultados alcançados demonstraram que o interesse pela literatura advém da forma com esta é apresentada, a significação de seu conteúdo e a relação com os contextos de vida dos alunos.

Palavras-chave: *Oiteiro*, Literatura, Ensino Fundamental, Magdalena Antunes.

RESUMEN

OITERO: DESPERTAR EL INTERÉS EN LITERATURA EN EDUCACIÓN PRIMARIA, A TRAVÉS DE LA ESCRITURA AUTOBIOGRÁFICA DE MAGDALENA ANTUNES.

La presencia de literatura en las aulas de la escuela primaria contribuye al protagonismo de los estudiantes en la percepción y reflexión sobre las contradicciones, conflictos y transformaciones sociales y culturales que ocurrieron en el contexto en el que viven y de los cuales forman parte. Para ayudar en este proceso, esta investigación de intervención tiene como objeto de estudio. La obra literaria *Oitero: memórias de uma sinhá-moza* (2003), de la escritora de Rio Grande do Norte, Magdalena Antunes. Es una narración autobiográfica de una dama sobre el contexto sociocultural en el que vive a finales del siglo XIX y principios del XX. El objetivo general de la investigación es resaltar la importancia de la escritura autobiográfica en la percepción y construcción de la memoria social y cultural de los sujetos. Metodológicamente, la investigación es de naturaleza cualitativa y sus principales contribuciones teóricas son Lejeune (2014); Bosi (2015); Halbwachs (2006); Cosson, (2007); Colomer (2007); Compagnon (2009); Cândido (2011). Los participantes de la investigación fueron estudiantes del 9^o grado de la escuela primaria Profesora Adele de Oliveira en la ciudad de Ceará-Mirim / RN. Los principales instrumentos de generación de datos utilizados en la investigación fueron: cuestionarios, entrevistas, textos escritos y audiovisuales producidos individualmente y colectivamente por los alumnos. Los resultados obtenidos demostraron que el interés en la literatura proviene de la forma en que se presenta, el significado de su contenido y la relación con los contextos de vida de los estudiantes.

Palabras claves: *Oitero*, Literatura, Escuela Primaria, Magdalena Antunes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira.....	22
Figura 2 - Sujeitos da pesquisa.....	24
Figura 3 - Magdalena Antunes.....	27
Figura 4 - Solar dos Antunes.....	32
Figura 5 - Capa das duas edições da obra <i>Oiteiro</i>	34
Figura 6 - Painel nossa história.....	66
Figura 7 - Exposição de obras literárias.....	68
Figura 8 - Peça de teatro sobre a obra <i>Oiteiro</i>	72
Figura 9 - Texto produzido pela aluna “sinhá Cosma”.....	77
Figura 10 - Momentos de leitura da Obra <i>Oiteiro</i>	81
Figura 11 - A chegada dos tablets.....	86
Figura 12 - Utilização dos tablets na leitura da obra <i>Oiteiro</i>	87
Figura 13 - Início da aula vivencial com o professor Gerinaldo.....	87
Figura 14 - Casa grande do Engenho Guaporé.....	88
Figura 15 - Ruínas de casas pertencentes ao Engenho Oiteiro.....	889
Figura 16 - Ruínas da chaminé do Engenho Oiteiro.....	90
Figura 17 - Texto produzido pela aluna “Patica”.....	98
Figura 18 - Texto produzido pela aluna “Tonha”.....	100
Figura 19 - Texto produzido pelo aluno “Zé Mossoró”.....	102
Figura 20 - Feira Livre (registro feito do Solar dos Antunes).....	104
Figura 21 - Barracas da Feira Livre.....	105
Figura 22 - O aluno “Martinho” tocando atabaque.....	105
Figura 23 - Apresentação de roda de capoeira.....	107
Figura 24 - Texto produzido pela aluna “Carlotinha”.....	109

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Transcrição dos textos audiovisuais produzidos pelos alunos	778
QUADRO 2 - Comentários de alguns alunos sobre a aula vivencial	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
Cap.	Capítulo
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
KM	Quilômetro
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Pernambuco
RN	Rio Grande do Norte
RPG	Role-Playing Game
SME	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONTEXTOS DE ATUAÇÃO	21
2.1 Caracterização da escola	21
2.2 Realidade socioeconômica dos alunos	23
2.3 Sujeitos da pesquisa.....	23
2.4 contextualizando o público alvo da pesquisa.....	24
2.5 Magdalena Antunes: histórias e recordações de uma sinhá-moça.....	26
2.6 A obra Oiteiro e o Ceará-Mirim	33
3 A LITERATURA NAS SALAS DE AULA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	Erro! Indicador não definido.
3.1 Escolarização da literatura nos anos finais do ensino fundamental	44
3.2 A leitura literária e formação de leitores na escola.....	45
3.3 A escrita autobiográfica no ensino fundamental	48
3.4 Escrita autobiográfica e memorialística.....	52
4 SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO	Erro! Indicador não definido.
4.1 A sequência básica do letramento literário e a obra <i>Oiteiro</i>	56
4.1.1 Motivação (duas aulas)	56
4.1.2 Introdução (quatro aulas)	57
4.1.3 Leitura (quatro aulas)	57
4.1.4 Interpretação (quatro aulas)	58
4.2 Caminhos éticos necessários à pesquisa.....	59
4.2.1 As contribuições da pesquisa para a comunidade escolar e extraescolar	61
5 RELATO REFLEXIVO DA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NA SALA DE AULA	63
5.1 Início da jornada (duas aulas).....	64
5.1.1 Apresentando a Obra (quatro aulas).....	67
5.1.2 Viagem nas páginas do Oiteiro (quatro aulas)	73
5.1.3 O fim da jornada (quatro aulas)	93

5.1.4 Perspectivas e possibilidades a partir da literatura	107
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

Desde que iniciamos nossa jornada acadêmica no curso de Letras, em 2006, sempre nos questionamos sobre como relacionar efetivamente os conhecimentos teórico-metodológicos obtidos na nossa formação profissional com a realidade de sala de aula. A cada desafio encontrado, buscamos não apenas identificar o problema, mas refletir sobre como podemos fazer para ser parte de sua resolução.

Mesmo tendo a consciência de que existem muitas questões que ultrapassam os muros da escola, sempre fazemos uma autorreflexão e autoavaliação do nosso fazer pedagógico. É um misto de observação constante da prática e sentimento de corresponsabilidade contínua no processo de ensino e aprendizagem.

Na etapa do Mestrado Profissional em Letras - Profletras - não foi diferente. Contudo, o desafio dessa vez foi bem maior. O tema de pesquisa versou sobre a importância da literatura e da presença efetiva de obras literárias nas salas de aula dos anos finais do ensino fundamental.

Fizemos uma retrospectiva da nossa trajetória escolar e as experiências com a literatura no ensino fundamental e médio, como foram os nossos primeiros contatos com ela, a forma como foi apresentada na escola e quais as dificuldades que enfrentamos. Refletimos sobre nossa formação acadêmica e quais as contribuições que deram para nossa formação profissional.

Nos anos finais do ensino fundamental, a relação com a literatura foi apenas ilustrativa, ou seja, durante as aulas de língua portuguesa era feita a leitura de trechos de obras literárias ou de fragmentos de poemas para destacar alguma questão normativa da língua. Geralmente, esses trechos serviam para indicar formas corretas de uso da língua e resolução de exercícios.

No ensino médio, a literatura foi apresentada através de períodos, autores e características de escolas literárias demarcadas por fatos e marcos históricos. As aulas dessa disciplina eram separadas das aulas de língua portuguesa e lecionadas por professores diferentes que faziam distinções claras das duas disciplinas: a primeira estava relacionada à história da literatura nacional, enquanto que a segunda tratava exclusivamente dos aspectos normativos da língua.

Nesse sentido, as experiências com a literatura na educação básica ficaram restritas a meras atividades do currículo escolar para a obtenção de notas. Não

havia nenhuma preocupação com a formação de leitores e a utilização de obras literárias no programa de ensino da disciplina de literatura.

Todavia, no curso de graduação em Letras tivemos a oportunidade de não apenas ler obras literárias, mas de vivenciar a literatura de uma maneira bastante intensa nas aulas com a professora Edna Rangel e levar um pouco dessa vivacidade para a nossa prática pedagógica em sala de aula.

Foi a partir da graduação em Letras que surgiu essa inquietação que nos transforma e nos move todos os dias em busca de atribuir sentido a todas as práticas de ensino e aprendizagem em literatura, inerentes ao contexto de sala de aula e para além dele.

Nos dias atuais, são muitos os desafios que ainda encontramos para inserir significativamente a literatura nas práticas pedagógicas de leitura e escrita, principalmente, em salas de aulas dos anos finais do ensino fundamental, dentre os quais destacamos: a falta de interesse pela literatura por parte de alguns professores e alunos; a formação acadêmica fragmentada e o distanciamento existente entre os textos literários e os aspectos da vida cotidiana dos alunos.

Entretanto, o contato com a literatura em suas mais variadas formas e representações ainda no ensino fundamental possibilita o desenvolvimento efetivo de diversos aspectos formativos do sujeito, tais como: a criatividade, a afetividade, a emotividade, o senso crítico reflexivo, a percepção individual e coletiva, a autonomia, a participação social.

A obra literária adequada torna os indivíduos mais capazes de ordenar a própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que têm do mundo. Sobre essa questão, Cândido (2011) destaca que a obra literária por ser uma espécie de objeto construído e em construção possui um grande poder humanizador.

A forma como é estruturada uma produção literária pode produzir uma aceitação muito grande da mensagem nela contida. Através da forma como a obra foi elaborada, é possível reconstruir ou representar mentalmente momentos, situações e eventos que foram vivenciados por outros e que provocam e aguçam a sensibilidade e a criticidade.

No contexto atual, observamos a importância de se pensar uma educação que não esteja centrada apenas no desenvolvimento de um currículo formal, pautado no cumprimento de conteúdos escolares normativos, mas que compreenda

o indivíduo como um ser integral que não está limitado apenas ao desenvolvimento de suas capacidades físicas, intelectuais e individuais, mas que também precisa desenvolver-se social e emocionalmente.

Nessa perspectiva, passamos a ter uma percepção da sala de aula como lugar de relações e de experiências de vida que se projetam de diferentes maneiras, revelando-nos os mais diversos contextos sociais e culturais dos que ali estão. Percebemos que nestes espaços os indivíduos são dotados de sonhos, desilusões, medos, esperanças, desafios, incertezas e certezas. E que, juntos, constituem uma pequena amostra das tessituras sociais às quais pertencem.

Não basta apenas ter uma formação acadêmica em língua portuguesa ou ter vários anos de experiências em sala de aula para desenvolver práticas pedagógicas efetivas e significativas de ensino da língua. É preciso observar a sala de aula e conhecer os sujeitos que dela fazem parte para poder enxergar quais são as necessidades de aprendizagens da turma.

Sobre esses sujeitos, é preciso compreender que eles se encontram numa fase da vida em que há uma busca da reinterpretação das experiências vividas, reformulação de conceitos, redefinição da autoimagem, reconstituição da identidade e reformulação de valores. Esses processos são bastante complexos e dinâmicos e invadem as relações e as interações desses sujeitos nos mais variados contextos sociais, principalmente na escola.

O estudo normativo da língua nos permite compreender melhor sua estrutura e funcionalidade. Contudo, a literatura possibilita a percepção das nuances, das mensagens subliminares, dos implícitos, pressupostos e subentendidos. É pela literatura que se compreende o mundo, os seus conflitos e suas contradições. Através dela, os sujeitos refletem sobre quem são e como estão vivendo em sociedade.

É preciso desconstruir a ideia de que a literatura no ensino fundamental deve ser utilizada apenas como pretexto para outras formas de ensino que não seja voltada para a transformação interior, a sensibilização e o aumento da criticidade dos alunos frente às adversidades existentes nas sociedades e no mundo.

Essa percepção da importância do trabalho com a literatura no ensino fundamental foi crucial para delimitarmos o nosso objeto de estudo: a obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*, 2003, da escritora norte-rio-grandense Maria

Magdalena Antunes Pereira. Além disso, promoveu uma experiência pessoal e profissional muito gratificante.

Ao mesmo tempo, nos fez refletir sobre a necessidade de ressignificarmos as nossas práticas pedagógicas em sala de aula, possibilitando compreender melhor os anseios, as expectativas e as reais necessidades dos jovens que se encontram nessa etapa de ensino e as efetivas contribuições do ensino da literatura para o seu desenvolvimento humano.

Ao iniciarmos nossas atividades docentes numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira, propusemos aos alunos uma produção de um breve relato pessoal sobre cada um deles. Nosso objetivo era conhecer a turma no geral e traçarmos um perfil dos alunos daquela turma.

Entretanto, os alunos demonstraram receio e desestímulo em realizar a atividade. Eles questionaram o porquê e o para quê produzir um texto sobre si mesmo e que relevância aquele tipo de escrita teria. Nessa ocasião, percebemos que os alunos consideravam os textos autobiográficos como sendo de pouco prestígio social.

Vale salientar que a escrita autobiográfica no contexto escolar é compreendida muitas vezes como sendo uma prática simples e fácil de ser realizada. Para muitos alunos e professores esse tipo de texto não apresenta grande relevância, devido a suas características subjetivas. Essa interpretação equivocada muitas vezes reduz o texto autobiográfico a uma categoria inferior e de pouca importância para o trabalho de produção escrita e pesquisa.

Foi a partir dessa problemática que surgiu o desafio de respondermos a seguinte questão: por que os alunos da turma de 9º ano de Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira consideravam a escrita autobiográfica como sendo de menos prestígio social? Esse foi o principal questionamento que fizemos. E foi o ponto de partida para desenvolvermos nossa pesquisa.

Sobre a escrita autobiográfica sabíamos existir diversas produções, às quais os alunos poderiam ter acesso, mas como nosso trabalho pretendia abordar a literatura no Ensino Fundamental, optamos em trabalhar uma obra literária que tivesse em sua composição a escrita autobiográfica e que fizesse com que os alunos

percebessem a importância desse tipo de texto na percepção e construção da memória social e cultural dos sujeitos.

Nesse sentido, escolhemos a obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), doravante apenas *Oiteiro*, da escritora Maria Magdalena Antunes Pereira, no decorrer desse estudo Magdalena Antunes somente. Trata-se de uma obra literária autobiográfica e memorialística, segundo Nascimento (2015). A obra narra as recordações de infância e adolescência da autora e retrata um contexto histórico, econômico e cultural bem distinto do Vale de Ceará-Mirim, no final do século XIX e início do século XX.

Encontramos na obra *Oiteiro* uma narrativa marcada pelo entrelaçamento de histórias de vida de personagens que representam a memória de vários grupos sociais: os senhores donos de engenhos e suas famílias tradicionais; escravos “livres” e servis; homens e mulheres comuns que se distinguem, na obra, por suas qualidades ou destrezas e pessoas simples e humildes do Engenho Oiteiro e do centro da cidade de Ceará-Mirim.

Nossa intenção era fazer com que os alunos percebessem na literatura uma forma de compreender melhor os conflitos e as contradições do mundo em que vivem, a partir da percepção e atuação dos sujeitos na construção da memória social e cultural.

Nesse sentido, elaboramos nosso trabalho intitulado “*Oiteiro: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes*”, tendo como objeto de estudo a obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), da escritora norte-rio-grandense, Magdalena Antunes. Além disso, nosso objeto de estudo trouxe consigo a percepção do contexto sociocultural da cidade de Ceará-Mirim/ RN, do final do século XIX e início do século XX, a partir da escrita autobiográfica da autora.

Em se tratando da abordagem da pesquisa, esta se relacionou com a abordagem qualitativa, pois, segundo Deslandes (1994, p. 21): “A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. [...] Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

À medida que a intenção era apontar a relevância do texto autobiográfico para a percepção e construção da memória social e cultural dos sujeitos. Essa compreensão fez com que os alunos refletissem sobre o seu protagonismo social e

as contribuições deixadas por diversos grupos, integrando as dimensões individuais e coletivas dos sujeitos.

Essas reflexões nos conduziram ao desenvolvimento de uma pesquisa de natureza aplicada, pois segundo Gil (1987, p.44) “A pesquisa aplicada [...] tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos”, nesse sentido, a natureza transparece nesse estudo com a intenção de intervir na realidade.

Tendo em vista que toda pesquisa precisa ter claro o que se pretende alcançar, definimos um objetivo geral e três objetivos específicos para esse estudo. A saber, o objetivo geral da nossa pesquisa foi evidenciar a importância da escrita autobiográfica na percepção e construção da memória social e cultural dos sujeitos.

Para atingir esse objetivo geral, destacamos os seguintes objetivos específicos: I) identificar as características da escrita autobiográfica na obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003); II) destacar a relação entre a escrita autobiográfica e a construção da memória social e cultural dos sujeitos; III) incentivar a leitura e a escrita de textos autobiográficos como mecanismo de percepção social dos sujeitos.

O trabalho foi organizado em uma introdução e quatro capítulos: o primeiro tratou dos contextos de atuação da pesquisa: caracterização da escola, realidade socioeconômica dos alunos, sujeitos da pesquisa, contextualizando o público alvo da pesquisa, um pouco da biografia da escritora norte-rio-grandense Maria Magdalena Antunes Pereira e suas tantas histórias vividas entre a casa grande do Engenho Oiteiro, o Colégio de São José, no Recife/PE e sua residência na sede do município de Ceará-Mirim, o imponente Solar Antunes.

Tivemos ainda nesse primeiro capítulo uma breve descrição do contexto sociocultural e econômico de Ceará-Mirim, do final do século XIX ao início do século XX. E por fim, as características de uma escrita autobiográfica e memorialística na obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá moça*, de autoria da própria Magdalena Antunes.

No segundo capítulo, discutimos a importância da literatura nas salas de aula dos anos finais do ensino fundamental. De acordo com o foco de nossa pesquisa, citamos os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCNEB (BRASIL, 2013), Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) e o Documento Curricular do

Rio Grande do Norte para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental (2018).

Em relação às especificidades da literatura e das práticas de leitura literária e letramento literário nos anos finais do ensino fundamental, bem como, a valorização e a importância do texto literário, utilizamos as premissas de Compagnon (2009), Cosson (2007), Colomer (2007) e Cândido (2011).

Sobre os aspectos relacionados à leitura e produção de textos autobiográficos e memorialísticos nos anos finais do ensino fundamental e sua importância para percepção social do sujeito, trouxemos as contribuições de Lejeune (2014), Bosi (2015) e Halbwachs (2006). Essas leituras nos ajudaram a inter-relacionar as três dimensões indissociáveis na obra *Oiteiro*: a literária, a autobiográfica e a memorialística.

No terceiro capítulo, detalhamos como foi planejada a sequência básica do letramento literário com a obra *Oiteiro*, a luz das prerrogativas de Cosson (2007), bem como, as implicações de escolha metodológica para o desenvolvimento dessa pesquisa. Além disso, descrevemos todas as etapas previstas e a quantidade necessárias de aulas para cada uma delas.

Finalizamos o terceiro capítulo enfatizando a importância da ética em pesquisa envolvendo seres humanos e destacando as contribuições que nossa pesquisa oferece para a comunidade escolar e extraescolar.

No quarto capítulo, promovemos a discussão e a análise dos dados coletados, apontando os resultados obtidos com a pesquisa, as dificuldades enfrentadas na realização desse trabalho e apontamos as contribuições desse trabalho para o desenvolvimento de outras pesquisas nos mais diversos contextos.

Por fim, apresentamos as considerações finais sobre todo o trabalho desenvolvido e discorremos sobre o impacto da realização desse estudo para o nosso fazer pedagógico, bem como, sobre a percepção e as contribuições para a aprendizagem dos alunos.

2 CONTEXTOS DE ATUAÇÃO

A descrição do local de aplicação de uma pesquisa e do perfil dos sujeitos que dela fazem parte é de fundamental importância devido às especificidades de cada ambiente e contexto escolhido para se desenvolver um trabalho de pesquisa. Somam-se aos aspectos físicos, estruturais e de organização pedagógica, os aspectos relacionados ao ensino, a aprendizagem e as relações interpessoais entre os mais variados atores escolares, de acordo com os interesses e necessidades dos grupos.

2.1 Caracterização da escola

A pesquisa de intervenção aqui proposta teve como ambiente de aplicação a Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira, localizada à Rua Floriano Ferreira da Silva, 337, Bairro-Centro, na zona urbana do município de Ceará-Mirim/RN. Sua inauguração ocorreu no ano de 1985. Desse período até os dias atuais, ela foi reformada e ampliada apenas duas vezes.

Essa instituição de ensino configura-se como sendo a maior escola pública da rede municipal, tendo em vista que atende turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, durante os turnos matutino e vespertino. E atende alunos da modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno. O número total de alunos da instituição de ensino, segundo Censo Escolar 2019, foi de 958 alunos.

A escola funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. No turno matutino (nosso turno de trabalho) funcionam 09 turmas de Ensino Fundamental anos finais, totalizando 388 alunos. No turno vespertino funcionam 09 turmas de Ensino Fundamental anos iniciais, totalizando 237 alunos. No noturno funcionam 07 turmas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com um total de 333 alunos.

A dimensão estrutural da escola compreende os seguintes espaços: 09 salas de aula (algumas delas climatizadas); 01 sala de leitura; 01 sala de diretoria; 01 sala de professores; 01 sala de secretaria; 01 banheiro de funcionários; 01 banheiro masculino e 01 banheiro feminino para os alunos, 01 cozinha e 01 pátio com aproximadamente 150mt. quadrados.

Quanto à dimensão pedagógica, o quadro da escola é composto por 03 coordenadoras pedagógicas, uma em cada turno; 14 professores especialistas,

atuando nas turmas do ensino fundamental anos finais; 16 professores pedagogos, atuando nas turmas do ensino fundamental anos iniciais; 14 professores especialistas, atuando na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além disso, a escola conta com 01 orientadora pedagógica; 02 auxiliares de disciplina e 05 auxiliares de secretaria.

Nas atividades de apoio, manutenção e organização do espaço, a escola conta com 03 porteiros, um em cada turno de funcionamento; 02 vigias no noturno; 06 merendeiras, 02 no turno matutino, 02 no turno vespertino e 02 no turno noturno; e 06 auxiliares de serviços gerais, 02 no turno matutino, 02 no turno vespertino e 02 no turno noturno.

Figura 1 - Fachada da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira



Fonte: Acervo da pesquisa

Nos últimos anos, a Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira vem apresentando uma demanda crescente de matrículas devido aos bons resultados de aprendizagens obtidos nas avaliações internas e a aprovação dos alunos em avaliações e concursos externos como, por exemplo, o Exame de Seleção do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

2.2 Realidade socioeconômica dos alunos

Em se tratando da realidade socioeconômica dos alunos que fazem parte da clientela da escola, temos situações bem distintas. Grande parte dos alunos do turno matutino mora na zona rural do município, seus pais são agricultores, autônomos, assalariados ou aposentados. No geral, a renda dessas famílias oscila entre um e meio e dois salários mínimos.

Alguns alunos moram em comunidades bem distantes da zona urbana, cerca de até 20 km. Dessa forma, utilizam transporte escolar para chegarem até à escola. Muitos deles não tomam café antes de saírem de suas casas devido ao horário do transporte escolar.

No que se refere aos demais alunos, temos alunos que moram na zona urbana e apresentam uma condição financeira mais favorável. Alguns deles já foram alunos de escolas privadas até o final do quinto ano do ensino fundamental. Seus pais são donos de microempresas, são professores, assistente social ou possui renda familiar superior a três salários mínimos.

Os alunos com esse perfil socioeconômico fazem uso de transporte próprio para se deslocarem até à escola ou utilizam-se de um transporte escolar específico pago por seus pais para garantir essa locomoção. Além disso, alguns pais pagam curso preparatório para o Exame de Seleção do IFRN ou cursos de informática e inglês para seus filhos.

2.3 Sujeitos da pesquisa

Nossa pesquisa foi desenvolvida numa turma do 9º ano do ensino fundamental do turno matutino da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira. Inicialmente, essa turma tinha 50 alunos matriculados, sendo 21 meninos e 29 meninas. Entretanto, tivemos no início do ano letivo um caso de falecimento e ainda no primeiro bimestre dois alunos transferidos, totalizando 47 alunos, 19 meninos e 28 meninas. A faixa etária desses alunos era entre 13 e 17 anos de idade. Como revelam as idades, existiam alunos fora da faixa etária ideal para o ano escolar correspondente.

Quase todos os alunos possuíam aparelho celular ou smartphone. No geral, participavam de diversos grupos em redes e mídias sociais. Os alunos utilizavam esses espaços virtuais como forma de comunicação com familiares e amigos, para

se manterem informados sobre os assuntos que estavam em destaque nos noticiários e mídias no geral, e, principalmente para o entretenimento através de jogos ou registro fotográfico de si mesmo e dos colegas.

Figura 2 - Sujeitos da pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisa

Nesse registro fotográfico, apenas 34 alunos estavam presentes em sala de aula. Os demais alunos estavam representando a escola em um evento pedagógico promovido pela Secretaria Municipal de Educação-SME. Mesmo com um número considerável de alunos na turma, buscamos sempre reorganizar o espaço da sala de aula para desenvolvermos nossas atividades pedagógicas de maneira mais favorável possível.

2.4 contextualizando o público alvo da pesquisa

Em se tratando de uma pesquisa desenvolvida com alunos entre 13 e 17 anos, as práticas de ensino nos anos finais do ensino fundamental, seja em qual for a área do conhecimento, precisam estar intimamente atreladas à compreensão das mudanças e transformações pelas quais os jovens passam no âmbito biológico, psicológico, individual e coletivo.

Trata-se de um período da vida em que o desenvolvimento do sujeito é marcado pelo processo de (re) constituição da identidade, para o

qual concorrem transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais.
(BRASIL, 1998, p. 45)

Sem a compreensão dessas dimensões, não apenas as práticas de ensino em qualquer uma das áreas do conhecimento pode relevar fragilidades no planejamento e execução dos planos de trabalhos voltados para essa clientela. Além disso, os resultados de aprendizagem tendem a ser bem inferiores às expectativas almejadas.

Há também nessa fase da vida, uma busca da reinterpretação das experiências vividas, reformulação de conceitos, redefinição da autoimagem, reconstituição da identidade e reformulação de valores. São processos bastante complexos e dinâmicos que invadem as relações e as interações dos jovens nos mais variados contextos.

Outro aspecto relevante dessa clientela é a relação que ela tem com as mídias digitais e como podemos utilizar dos conhecimentos práticos a facilidade que os alunos têm em manusear os recursos tecnológicos disponíveis. Sobre essa questão, o documento da Base Nacional Comum Curricular destaca a importância de os alunos:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2017, p. 65)

Nesse sentido, as práticas de ensino nos anos finais do ensino fundamental devem:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2017, p. 87)

E qual a importância do conhecimento sobre todas essas questões por parte do professor, especificamente, de língua portuguesa? E mais, quais as contribuições podem ser dadas, a partir do fazer pedagógico em sala de aula para contribuir com a verdadeira autonomia do aluno?

O contexto educacional em que vivemos nos permite utilizar recursos midiáticos dos mais variados possíveis. O planejamento de situações didáticas envolvendo a literatura pode ser enriquecido através da facilidade que a maioria dos jovens tem em utilizar as mídias digitais. Dessa forma, no documento da Base Nacional Comum Curricular se afirma que:

As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlists, blogs, vídeos-minuto, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades.
(BRASIL, 2017, p. 68).

São questões que precisam estar alinhadas aos objetivos de ensino de língua portuguesa nessa etapa da escolarização e que possibilitam não apenas o desenvolvimento das capacidades cognitivas, investigativas, reflexivas, críticas e linguísticas dos alunos. Mas também, as capacidades afetivas, emocionais e de interação social e cultural na convivência com e nos grupos aos quais pertencem.

É nesse contexto, marcado por diversas e intensas transformações na vida desses jovens que está inserida a figura do professor e sua atuação como aquele que irá fazer com que o aluno não apenas interaja com o conhecimento, mas também, ressignifique-o, relacionando às experiências e vivências que este jovem possui e traz consigo para o contexto de sala de aula.

2.5 Magdalena Antunes: histórias e recordações de uma sinhá-moça.

Como descrever Magdalena Antunes? Quais as melhores e mais acentuadas referências podem ser feitas a ela? Talvez devêssemos começar a partir de sua descendência aristocrática, filha primogênita do coronel José Antunes de Oliveira e Joana Soares de Oliveira, donos do Engenho Oiteiro e do imponente Solar dos Antunes.

Talvez, principiássemos como sendo uma das mais representativas escritoras de livro de memórias femininas do Rio Grande do Norte e do Nordeste no início do

século XX. Além de ser irmã de dois escritores e poetas norte-rio-grandenses: Juvenal Antunes e Etelvina Antunes e irmã de Ezequiel Antunes (médico do exército).

Muitas são as possibilidades de referenciar Magdalena Antunes, pois não há apenas uma maneira para descrever a escritora potiguar, nascida aos 25 de maio de 1880, no Engenho Oiteiro, em Ceará-Mirim/RN. Inicialmente, Maria Magdalena Antunes de Oliveira. Contudo, ao se casar com Olympio Varela Pereira passou a assinar Maria Magdalena Antunes Pereira. E, após 1958, por ocasião do lançamento do seu único livro *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*. Ficou mais conhecida como a sinhá-moça do Engenho Oiteiro.

Figura 3 - Magdalena Antunes



Fonte: Acervo particular de Gibson Machado

Nesse estudo, optamos por descrever Magdalena Antunes, propositalmente, a partir dos rastros deixados por suas próprias memórias na obra *Oiteiro*. No entanto, essa descrição seguirá a mesma trajetória utilizada na escrita de *Oiteiro*, ou seja, a não linearidade.

Apesar de iniciarmos pela infância vivida no Engenho Oiteiro, ao longo do texto adentraremos em diferentes momentos da vida da autora, compreendidos entre a infância, adolescência e vida adulta, buscando evidenciar alguns fatos que podem estar relacionados ou ter influenciado na formação literária da sinhá-moça do Engenho Oiteiro.

Sobre a sua infância, iniciamos por observar como Magdalena Antunes nos transmite toda a emoção sensorial do que significava morar na casa grande do Engenho Oiteiro. É uma mistura de saudades e sensações, revelada nos cheiros,

cores, gestos e emoções que parecem impregnadas no coração e na alma da escritora. As palavras usadas pela autora parecem criar um verdadeiro cenário onde as flores personificam e enfeitam os jardins da casa grande do Engenho Oiteiro.

O encanto dos jardins do Oiteiro resumia-se em sua profusão de flores, porque os canteiros não tinham estética. Eram orlados de fundos de garrafas e pedrinhas do sertão. As roseiras transbordavam de latas de querosene e os jasmineiros cresciam pujantes, beirando os velhos muros, gretados, da Casa Grande. Pelos vidros partidos das varandas, penetravam os “mimos do céu”, delicada trepadeira de pétalas miudinhas, que aljofravam o solo, como róseas borboletas de asas despedaçadas, rolando pelo chão. Os resedás – miosótis brancos – embalsamavam o ar, paralelos aos bogaris de folhas largas, delicadamente enrolados, quais brancos caracóis. As angélicas afloravam de varetas, que se inclinavam salpicadas de estrelinhas brancas, como o cajado de São José.
(ANTUNES, 2003, p. 30)

A infância vivida naquele engenho foi tão significativa que a autora trouxe para fazer parte do título principal de sua obra a palavra Oiteiro, nome do engenho pertencente a sua família, mas também, uma alusão à majestosa árvore oitizeiro, que dava sombra às crianças e abrigava os xexéus de peito amarelo.

Magdalena Antunes recorda os momentos em que ela e os três irmãos eram embalados pelas histórias contadas por Patuca, uma escrava que viera morar com a família Antunes como dote recebido por ocasião do casamento do coronel José Antunes com dona Joana Soares, pais de Magdalena.

Patuca era a “mãe preta” de Magdalena, cuidava de sua higiene pessoal e alimentação, penteava-lhe os cabelos e vigiava suas noites de sono, principalmente, se apresentasse fragilidade na saúde. E em noites enluaradas e calmas, Patuca sentava-se no chão do alpendre daquela casa e contava muitas histórias de trancoso. Sobre esta contadora de histórias nas noites serenas do Engenho Oiteiro, Magdalena assim a descreve:

Era alta e corpulenta, pele de ébano, descendente de africanos. Os cabelos negros e pixains, presos ao casco da cabeça, semelhavam um maço de linha de crochê desmanchando. A fronte estreita sumia-se dentro de rosquinhas miudinhas a brilharem após o banho, quando os pingos d’água ficavam presos àquelas semelhantes a arame. Ao sorrir, os lábios escuros pareciam uma cortina de veludo negro, entreabrindo-se para deixar ver ao fundo um mostruário de pérolas. O nariz achatado lembrava pequena borboleta palpitante e cinzenta, de asas abertas e espalmada sobre as faces angulosas. Os olhos recintos, porém, de expressão cismadora e cândida dos olhos do Fiel, de Guerra Junqueiro. Derramavam tonalidades brandas pela

ilustrosa e carrancuda fisionomia, tal como as águas caídas do céu refrescam a dureza dos rochedos. Tinha na voz dolente e arrastada a tristeza do banzo africano. (ANTUNES, 2003, p. 76-77)

Patica teve um papel de destaque na infância de Magdalena Antunes, a própria autora faz questão de registrar em seu único livro escrito a relevância dessa escrava que além de ser responsável por cuidar da higiene pessoal, vigiar as noites de sono, guiar os primeiros passos da sinhá-moça do Engenho Oiteiro, também a conduziu pelo mundo fantástico da literatura, através da contação de histórias orais. Assim descreve a autora:

Nas noites calmas do Oiteiro, a Patica sentava-se no chão do alpendre da nossa casa de campo, punha ao colo o menor dos meus irmãozinhos, os maiores em roda, e passava a contar histórias de Trancoso, invariavelmente começadas: “Foi um dia...” (ANTUNES, 2003, p. 78)

Dentre o repertório de tantas histórias contadas por Patica, destacam-se na obra *Oiteiro*: a história da Moura Torta, o Príncipe Encantado, Maria Borracheira, os Três Cavalos (Rompe Ferro, Rompe Nuvens e Corre-mais-que-o-vento), a Lenda de Manuel e Maria e o Príncipe Diniz e Rosina. Todas essas histórias eram contadas através da oralidade e faziam parte da rotina de Magdalena Antunes e seus três irmãos.

Nos momentos de contação de histórias as crianças eram embaladas por versos e canções entoados pela voz dolente e humilde de Patica, que acalentavam os sonhos das crianças que pouco a pouco adormeciam.

Também outra escrava teve um papel de destaque na vida de Magdalena Antunes. Trata-se de Tonha. Esta aproximava-se na idade da sinhá-moça e era sua companheira de brincadeiras e “aventuras”. Tinha os olhos de jabuticaba e era cheia de imaginação e credulidade, descrita por Câmara Cascudo como sendo uma espécie de boneca Emília, da obra do Sítio do Picapau Amarelo, do escritor Monteiro Lobato.

A convivência com Tonha fez com que Magdalena Antunes adentrasse ainda mais no mundo imaginário da infância em que realidade e fantasia se completam e se interrelacionam. A autora destaca um episódio bastante ilustrativo dessa convivência entre brincadeiras e “aventuras” junto com Tonha:

Uma vez me afirmou, em tom confidencial, que ia à cidade de “Olindra”. Deorridos dias, falara num lugar encantador chamado “Olindra”, onde havia coisas fantásticas e fabulosas. Perguntava-lhe admirada: - Tonha, você conhece essa cidade? E ela, com um muchocho e alguma gravidade: - Ora, se eu não conhecesse não falava; e mesmo a gente só fala do que conhece? Já vi perfeitamente a cidade de “Olindra”, em livros da estante do Doutô Meira. Quando vou com tetê, minha vó, levá presente da Sinhazinha prá mulhé do doutô, assim que tenho uma escapula, rumexo nos livro! Fazia uma pausa, revirava os olhos e continuava: Sinhá Lica não sabe daquela moda que fala numa rua de briante só pra meu bem passíá? Pois aquela rua é na Olindra... (ANTUNES, 2003, p. 81-82)

Sinhá Lica era o nome que Patuca utilizava para se referir a Magdalena Antunes. Na obra, Antunes (2003) faz uma reflexão sobre a origem desse nome: “as escravas podiam ter recordações? Quem sabe se tal nome se prenderia a alguém?”.

Não por acaso, Magdalena Antunes destaca essas duas figuras tão presentes e intensas nas suas memórias de infância. Patuca e Tonha fazem parte de um tempo em que a autora relembra com profunda saudade e alegria a pureza e a inocência dos dias vividos na casa grande do engenho Oiteiro.

Cada uma delas possui características marcantes no universo literário que já faz parte da vida de Magdalena Antunes. Em Patuca, encontramos a figura dedicada da contadora de histórias e embaladora das canções de ninar. Já em Tonha, vemos a figura da ingenuidade, imaginação e criatividade características da primeira infância.

Os primeiros contatos com as letras é marcado por muitas dificuldades. Magdalena revela por muito tempo não ter amor aos estudos, contrapondo - se à instância e aos esforços de seu pai, o coronel José Antunes de Oliveira, em garantir a ela e aos três irmãos a melhor educação possível à época, enviando seus filhos aos renomados colégios da cidade do Recife/PE.

Apesar das aulas com um professor particular, Magdalena Antunes continuava atrasada nos estudos. Aos 11 anos de idade, na manhã de 06 de junho de 1891, Magdalena Antunes foi enviada para estudar no Colégio São José, em Recife/PE. O referido colégio havia sido escolhido em homenagem às suas ex-alunas donas Yayá e Carlotinha, exemplos de bondade e cultura.

A educação destinada às mulheres naquela época ainda era baseada no modelo patriarcal, tinha como prioridade forte conteúdo moral e social, na educação primária. E na educação secundária, era em grande medida destinada ao magistério, isto é, a formação de professoras para os cursos primários.

Magdalena Antunes destaca a figura ímpar do seu pai, o coronel José Antunes de Oliveira, fazendo diversas menções, sempre exaltando e enaltecendo suas qualidades como pai amoroso e um senhor de engenho com boas relações sociais na cidade, nos engenhos circunvizinhos e com seus empregados. Assim era descrita a figura paternal do coronel Antunes:

Meu pai! Como eu o adorava! E ao Deus que me deu, como poderei pagar a oferta? Deveria haver uma consciência infinita para o infinito da bondade divina.

Como Pereira da Silva, eu poderei dizer:

MEU PAI!

Ele sim, neste mundo mundo miserando,
 Ele, meu pai, que era a melhor criatura,
 Teria sempre uma razão segura
 Para me ouvir sorrindo, ou me perdoando...
 (ANTUNES, 2003, p. 35)

O tenente-coronel da Guarda Nacional, José Antunes de Oliveira, foi o construtor do Solar dos Antunes em 1888, residência da família no centro urbano da cidade. Após seu falecimento, o Solar ficou sob os cuidados de sua viúva Joana Soares de Oliveira, que posteriormente, passou ao seu filho mais velho Juvenal Antunes de Oliveira (poeta norte-rio-grandense e aclamado príncipe dos poetas acreanos).

Em 1937, Juvenal vendeu o prédio ao seu sobrinho, Ruy Antunes Pereira, que após alguns anos cedeu-o ao seu filho Ruy Pereira Júnior. No ano de 1975, Ruysinho (como era mais conhecido), doou o prédio para se tornar oficialmente a sede da Prefeitura Municipal.

O Solar dos Antunes era uma construção imponente, por muitas vezes confundida pelas pessoas mais humildes, com a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Também foi um local onde eram realizados belíssimos saraus literários, frequentados por Juvenal Antunes, Adelle de Oliveira, Dolores Cavalcante, dentre outros.

Também frequentaram o Solar dos Antunes intelectuais como Umberto Peregrino, Galdino Lima, Marciano Freire, Olavo Montenegro, Raimundo Antunes, João Neto, Alberto Carrilho, Pedro Varela, Nilo Pereira, Aprígio Câmara, Letício de

Queiroz. Além das reuniões e conversas promovidas pelo coronel José Antunes com senhores de engenhos, políticos e autoridades municipais.

Figura 4 - Solar dos Antunes.



Fonte: Acervo particular de Gibson Machado

A autora do *Oiteiro* faz reverência ao Solar dos Antunes, lembrando sua posição arquitetônica de destaque de onde era possível contemplar as belezas do vale e do canavial que por ele se espraia. A esse respeito a sinhá-moça do Oiteiro, assim o descreve:

O sobrado! Templo que recolheu a velhice e os últimos dias daqueles que me deram o ser. Como esquecê-lo? De suas amplas janelas contemplei por muitos anos, o esmeraldino brilho dos canaviais e aspirei trazido pelo vento o aroma do fumo das chaminés distantes, círios brancos dispersos na toalha verde do vale, quais turíbulos espargindo por toda a parte o incenso do trabalho.
(ANTUNES, 2003, p. 133)

A vida de Magdalena Antunes foi sempre permeada por pessoas e ambientes que influenciaram profundamente seu viés literário, principalmente, na constituição de suas memórias autobiográficas. A partir do convívio com as pessoas simples e com as pessoas mais abastadas da sociedade cearámirinense de seu tempo, a autora garimpou o que havia de mais precioso, humano e identitário daquele contexto social.

Os aspectos até aqui relatados constituem um pouco da vida de Magdalena Antunes. Vale ressaltar que, além de escrever a obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (1958/2003), a escritora colaborou com diversas publicações literárias. Nascimento (2015) destaca dentre outros: jornal manuscrito feminino *A Esperança*, entre 1903 e 1909, dirigido por Isaura Carrilho e Dolores Cavalcante; o jornal *O Ceará-Mirim* (1912), usando os pseudônimos Corália Floresta e Hortencia; e ainda é

citada no livro *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte (1909 – 1987)*, obra do pesquisador Rodrigues de Melo.

Aos 11 de junho de 1959, faleceu Magdalena Antunes. Sua neta, a escritora e poetisa Lúcia Helena Pereira, descreve o adeus a sinhá-moça que residia na casa número 700, na Avenida Hermes da Fonseca.

Faleceu no ano seguinte (1959), levada pelas asas dos anjos num belo cortejo, saindo da sua casa sob a brisa fresca da tarde, quando o sol, esvaindo-se no horizonte, derramava seus lumes de filigramas sobre a frondosa mangueira do jardim, à semelhança do oiteiro, com suas abundantes folhas, fazendo continência à sinhá-moça em sua derradeira viagem.
(ANTUNES, 2003, p. 17)

Foi com essa imagem que os norte-rio-grandenses se despediram de Magdalena Antunes, ao passo que a literatura potiguar já tinha a imortalizado um ano antes como a sinhá-moça do Oiteiro, a partir de sua obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (1958).

Ultimamente, o nome de Magdalena Antunes e sua obra veem ganhando espaço e visibilidade no meio acadêmico e também na realização de atividades pedagógicas em salas de aula de várias escolas públicas da cidade de Ceará-Mirim. Esta dissertação pretende ampliar mais ainda as dimensões de pesquisas acerca da vida e obra da autora, como também, apresentar uma possibilidade de trabalhá-las no contexto de sala de aula.

2.6 A obra *Oiteiro* e o Ceará-Mirim

Magdalena Antunes é uma das principais escritoras da literatura norte-rio-grandense, apesar de ter lançado apenas um livro, intitulado *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*, em 1958, pela Editora Irmãos Pogentti, Rio de Janeiro, com o apoio da Casa Euclides da Cunha, Coleção Nísia Floresta; e, uma segunda edição ter sido feita em 2003, através de uma coleção denominada Letras Potiguares, por meio da Lei Câmara Cascudo de incentivo à leitura, pela A. S Editores. A seguir, temos as capas das duas edições de *Oiteiro*.

Figura 5 - Capa das duas edições de *Oiteiro*



Fonte: Acervo particular de Gibson Machado

Em seus vinte e sete capítulos, o livro *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*, considerado pelo escritor Nilo Pereira como um romance, traz consigo diversos aspectos que são impossíveis de tratar em um único estudo. Trata-se de uma obra literária que revela diversas abordagens. Sobre a importância dessa característica em algumas obras literárias, Colomer (2007) destaca que:

[...] Ver que uma mesma obra pode ser analisada como gêneros distintos, dá a ideia da multiplicidade de visões que envolvem sua composição. Mas pode-se ir mais adiante e descobrir que a maioria das grandes obras pode ser entendida a partir das “lentes” de diferentes teorias interpretativas sociológicas, ideológicas ou psicanalíticas, entre muitas outras. O jogo de interpretações é uma constatação que faz parte do aprendizado do contraste de leituras. Combate à ideia inicial de que uma obra tem apenas uma significação, sempre e para todo o mundo.
(COLOMER, 2007, p. 193)

A respeito de alguns dos trabalhos acadêmicos já publicados sobre a obra *Oiteiro*, de Magdalena Antunes, destacamos a Dissertação de Mestrado de Nascimento (2015), com o título: *A construção autobiográfica e memorialística em Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Encontramos valiosas contribuições no artigo: *Representações negras em Oiteiro de Madalena Antunes (2016)*, de autoria de Ananília Meire Estevão da Silva, apresentado ao Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó.

Temos ainda a Dissertação de Mestrado de Alves (2019), intitulada *Ceará-Mirim de Madalena Antunes: caminhos para o trabalho biográfico no ensino de História*, apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

E destacamos os textos *A narradora e as contadoras de histórias em Oiteiro e Memória e autoria feminina em Oiteiro*, de autoria de Aldinida de Medeiros Souza. E o texto *Madalena Antunes: as memórias da educação de uma sinhá-moça*, de autoria de Liliane Taíse Tavares.

Nesse sentido, na obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), podemos facilmente adentrar por aspectos econômicos, históricos, etnográficos, sociológicos, filosóficos, e, assim por diante. São várias possibilidades de leitura que concedem um estimado valor à obra. Entretanto, para nosso estudo, interessa os aspectos autobiográficos e memorialísticos da obra.

Esses dois aspectos congregam com a nossa intenção e a necessidade de trazer para o contexto das salas de aula da educação básica o viés literário da escrita autobiográfica e memorialística de Magdalena Antunes como fonte aguçadora da percepção social e cultural dos nossos alunos.

A linguagem poética utilizada na escrita da obra revivem os sentimentos e as emoções adormecidas de quem tenta trazer para o presente um tempo distante em que imaginação, sonhos e desejos afluíam na casa grande do engenho Oiteiro e se expandiam pelo vale verde dos canaviais.

Também são reproduzidas falas e tradições das pessoas mais simples e humildes, nas suas mais autênticas formas, seja nos diálogos, nas cantorias e nas expressões orais regionais. Magdalena Antunes destaca as cantigas de ninar que a escrava Patuca cantava para embalar o sono da sinhá-moça do Oiteiro.

[...] foram sem conta as noites passadas em claro, quando eu doente, embalando-me o punho da rede, sonolenta, cantarolava, maviosa:

“Dorme, filhinha,
Que eu tenho o que fazer
Vou engomar, vou costurar
Camisinha pra você
Ah!... Ah!... Ah!... É... É... É...”
(ANTUNES, 2003, p. 75)

A perspectiva autobiográfica e memorialística da obra não está centrada apenas na narrativa em primeira pessoa. Durante muitos capítulos, a autora dá voz

a outras narrativas e personagens que vão tecendo o contexto político, social, cultural e econômico da cidade de Ceará-Mirim do final do século XIX e início do século XX.

Na obra, conseguimos perceber a presença do modelo de educação patriarcal ofertado às mulheres daquela época, as relações de trabalho nos engenhos, a trajetória vivenciada pelos negros às vésperas da abolição da escravatura e os aspectos econômicos predominantes da cultura da canavieira.

São temáticas que ganham maior destaque na obra, mas existem outras também de grande relevância que podem ser pesquisados e analisados com o propósito de explorar cada vez mais a riqueza e a amplitude de possibilidades de leitura do *Oiteiro*. Além do mais, trata-se de uma autêntica obra literária local e global ao mesmo tempo.

A obra traz como referência inicial a data 25 de maio de 1887, aniversário dos sete anos de idade de Magdalena Antunes. Essa data tem um significado muito expressivo para a compreensão de vários aspectos da obra. A partir, dessa data é possível delinear o contexto político, social, cultural e econômico que se vivenciava na cidade.

É importante ressaltar que Magdalena Antunes nasceu nove anos após a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871). Sua narrativa na obra *Oiteiro* começa a partir de 1887, ou seja, após quase dois anos da promulgação da Lei dos Sexagenários (1885). Além disso, havia um ebulição sociopolítica e econômico-cultural muito intensa devido a estarmos a menos de um ano da promulgação da Lei Áurea (1888) e da Proclamação da República (1889).

Esses fatos nos permite inferir que a visão que a autora tem das escravas Tonha e Patuca decorrem de um período histórico permeado por mudanças bem distintas na forma de relacionamento entre os senhores de engenho e os negros escravos. No Rio Grande do Norte, já havia notícias de libertação de escravos antes da promulgação da Lei Áurea.

Magdalena Antunes começou a ter contato com escravos num contexto um pouco diferente do que a História Geral do Brasil destaca. Entretanto, existem alguns trechos citados na obra *Oiteiro* que nos faz lembrar como era verdadeiramente a relação dos senhores de engenho com os escravos num passado não tão distante.

Na obra, alguns trechos revelam o medo que os negros tinham de serem vendidos ao senhor de engenho, mais conhecido como Zumba do Timbó. Havia rumores que os negros desobedientes eram bastante castigados por aquele senhor. Há também o relato de um castigo aplicado a Tonha, por ocasião de sua tentativa de chegar a cidade de “Olindra”, saindo do engenho Oiteiro sem que ninguém percebesse e sendo capturada já próximo ao engenho Umburanas.

No capítulo seis da obra, há a transcrição de dois documentos que atestavam a condição do negro escravo: o primeiro documento, diz como era enterrado um escravo e o segundo documento como era libertado um escravo. São textos que revelam o poder de dominação do senhor de engenho em relação ao escravo.

Entretanto, a narrativa da obra de Magdalena Antunes destaca uma relação bastante próxima afetivamente de Tonha e Patica. A primeira, sempre presente nas recordações mais subjetivas em que a autora faz algumas reflexões sobre a imaginação e a capacidade de ver o mundo por outras perspectivas, sem os temores que a vida e a sociedade insistem a nos impor.

Já a segunda, representa as relações sociais entre senhores de engenho e escravos “libertos” e “recém-libertos”. A autora restringe-se a destacar essas relações no contexto do engenho Oiteiro. As situações narradas ganham um tom mais compassivo para como os negros escravos que viviam na casa grande do Oiteiro ao passo que se relacionam diretamente com o contexto nacional.

O modelo educacional da época era pautado numa visão ainda muito patriarcal. Magdalena Antunes, como era típico às filhas e filhos dos senhores de engenho, teve suas primeiras aulas com professor particular. Entretanto, ela não tinha amor aos estudos e de certa forma evidenciava as finalidades educacionais daquele contexto para a educação feminina, tais como: ser uma boa dona de casa, boa mãe e zelosa nos afazeres domésticos. Se optasse por alguma profissão, logo iria para o magistério, função que mais se assemelhava às principais características de zelo e maternidade atribuídas à educação feminina.

Após sua inserção no mundo das primeiras letras, mas, ainda demonstrando muita dificuldade, o pai de Magdalena Antunes decide matriculá-la no Colégio de São José, no Recife. Era uma tradição das famílias mais abastadas da época enviarem seus filhos para estudar em outras cidades, estados ou até fora do país. Assim, o coronel José Antunes recebeu Estatutos de diversos estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro, Bahia e Recife.

Sobre a importância da educação para aquelas famílias de tradição aristocrática e patriarcal, seus pais a advertiam dizendo:

Lembrei-me, então, do que mamãe me dizia constantemente: “Estuda, minha filha, para não passares mais tarde por muitas aflições...” ao que meu pai acrescentava: “sem instrução, não passarás de uma ceguinha, guiada pelas mãos de outros”. (ANTUNES, 2003, p. 65)

Depois de analisar todos os estatutos de importantes colégios, reuniu -se o conselho de família para decidir sobre qual a melhor instituição de ensino para a filha primogênita do casal Antunes.

No caso da autora, a escolha pelo Colégio de São José teve também outras motivações. A família Antunes tinha como referências duas ex-alunas que também eram muito amigas dos pais de Magdalena: a Dona Yayá e Carlotinha, pois as duas eram:

[...] exemplos de bondade e cultura. Falavam francês e português. Elas sabiam mais do que o professor da cidade. Uma tocava piano admiravelmente e a outra bordava a ouro e desenhavam muito bem [...].” (ANTUNES, 2003, p. 43).

Nas suas reflexões sobre essas duas referências de mulheres cultas e educadas, Magdalena Antunes enfrenta um dilema: seria uma Dona Yayá ou Carlotinha. Preferiu ser uma Dona Yayá que tocava piano e que tinha uma pulseirinha de ouro enterrada no braço roliço.

Outro fator importante na escolha do colégio para a educação feminina era ser um colégio religioso. Nele, as mulheres iriam, além de aprender a ler e a escrever, ter uma educação voltada para a assimilação de regras de moral para o convívio social, ou seja, existia um padrão social do comportamento feminino que era reforçado e aprofundado pelos ensinamentos da igreja.

Durante a obra, percebemos que surgem vários trechos e capítulos que abordam a temática religiosa. Magdalena Antunes descreve a rotina dos estudos e os momentos solenes no Colégio de São José. Além disso, destaca a figura do Padre Antunes, seu padrinho, e dono do engenho Umburana. Há muitas menções às tradições religiosas do povo cearamirinense e como a família Antunes se preparava para as missas dominicais na Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

A cidade de Ceará-Mirim na narrativa de Magdalena Antunes encontrava-se no auge da produção da cana-de-açúcar. Sobre essa prosperidade da cultura canavieira no vale, encontramos em Gomes (2009) importantes informações.

A produção de açúcar no Rio Grande do Norte, no século XIX, se desenvolve principalmente no Vale do Rio Ceará-Mirim, em São Gonçalo e em São José do Mipibu. Os primeiros engenhos em Ceará-Mirim surgem na década de 40 do século XIX. Em 1843, já funcionava o engenho Carnaubal, pertencente ao português Antônio Bento Viana. A partir da produção canavieira, o vale prosperou e conservou um núcleo de ostentação e luxo, observados nos seus bailes aristocráticos, festas ricas e pomposas. Tinha ainda a suntuosidade de carruagens forradas com seda, traços que marcaram a era do açúcar na história da região. (GOMES, 2009, p. 79-80).

Esse contexto de prosperidade da cultura canavieira permitiu que os senhores de engenho, assim como o coronel José Antunes de Oliveira, custeassem os estudos dos filhos em renomados colégios do país e erguessem imponentes casarões nos mais variados estilos da época. Neles, aconteciam banquetes, festas e saraus que evidenciavam o poder aquisitivo do seu dono.

Entretanto, a partir de 1920, a produção dos engenhos sofre um grande impacto, devido a implantação de três usinas de pequeno porte: a Guanabara, de Antônio Basílio Dantas Ribeiro; a São Francisco, de Manuel Varela do Nascimento, e Ilha Bela, dos herdeiros de José Félix Varela.

A situação dos senhores de engenho passa a ficar bastante difícil, pois as usinas dão uma projeção política e social bem maior aos seus donos. A influência do usineiro sobrepõe-a figura do dono de engenho. Sobre a condição a que se encontrava os senhores de engenho, Gomes (2009) destaca:

Os senhores de engenho que não dispunham de recursos e conhecimentos para modernizar seus engenhos, passam à condição de simples fornecedores de cana para os usineiros. Muitos engenhos que ostentavam luxo e riqueza entram em decadência, ficando com o “fogo morto” e seus donos e herdeiros passam a seguir carreira nos quadros do funcionalismo público. (GOMES, 2009, p. 81)

A contextualização dessa mudança nos moldes produção e comercialização da cana-de-açúcar, bem como, a condição dos senhores de engenho após a chegada das usinas nos permite compreender melhor algumas características econômicas, políticas e sociais que se mantêm ainda muito presente nos dias atuais.

Magdalena Antunes vivencia esses dois momentos distintos de apogeu e declínio da cultura canavieira. Contudo, mais que apenas descrever cada um desses contextos, a autora narra, através de uma aguçada percepção, a maneira como se davam as relações sociais, não apenas nas casas grandes dos engenho, mas entre as pessoas mais simples e humildes.

A autora evidencia essa percepção na observação do dia de feira no centro da cidade, contemplada por ela das janelas do Solar dos Antunes.

O dia da feira era tão significativo para o cearamirinense de qualquer categoria, como os domingos e dias santos ou feriados. Não havia ocupação por mais forçada que fizesse o senhor de engenho ou o lavrador deixar de comparecer à feira. A ausência indicava obrigação maior ou moléstia. As estradas enchiam – se de cavaleiros, montados cada qual o seu ginete, rumo à cidade. No mercado é que todos combinavam os encontros. Entabulavam-se negócios e fazia-se a provisão da semana. Logo pela madrugada começavam a chegar, a pé ou a cavalo, os que moravam afastados, ficando à espera do amanhecer, no Largo do Mercado, aberto às seis da manhã e logo invadido por centenas de pessoas. A parte interna do edifício era dividida em pequenos “locais” reservados aos vendedores das mercadorias. Uns negociavam fazendas, outros, secos e molhados e, no centro, havia a parte destinada ao açougue. O velho Teotônio e o Manuel Coelho pedominavam na antiguidade dos ramos dos negócios; aquele, o fumo; este, talhando a carne.

(ANTUNES, 2003, p. 199 – 200)

Nesse trecho da obra, é possível perceber o entrelaçamento de histórias, culturas e realidades socioeconômicas bem diversas. O cenário descrito ilustra a efervescência do contexto da cidade de Ceará-Mirim no final do século XIX e início do século XX.

Nessa perspectiva, ler a obra *Oiteiro* significa mergulhar num contexto histórico, político, social, econômico e cultural bastante dinâmico e de profundas mudanças de uma realidade local que representa e acompanha as transformações ocorridas num contexto mais global.

3 A LITERATURA NAS SALAS DE AULA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Apesar de ainda existirem muitos desafios para garantir uma inserção significativa da literatura nas salas de aula dos anos finais do ensino fundamental, sua presença nas práticas de ensino e aprendizagem nessa etapa de ensino contribui para a o protagonismo dos alunos na percepção e reflexão sobre as contradições, conflitos e transformações sociais e culturais ocorridas no contexto em que vivem e do qual fazem parte.

Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) e a Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCNEB (BRASIL, 2013) destacam a importância de despertar nos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental o interesse pela literatura, considerando – a forma de expressão da cultura de um povo. Além disso, as Diretrizes Curriculares destacam que nessa fase da vida há uma ampliação nas possibilidades intelectuais que facilita a realização de raciocínios mais abstratos.

Os alunos se tornam crescentemente capazes de ver as coisas a partir do ponto de vista dos outros, superando, dessa maneira, o egocentrismo próprio da infância. Essa capacidade de *descentração* é importante na construção da autonomia e na aquisição de valores morais e éticos. (BRASIL, 2013, p. 27)

É de fundamental importância considerar essas especificidades dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e estabelecer uma relação com as contribuições da literatura para o processo de desenvolvimento psicológico, cognitivo, social, afetivo e emocional dos adolescentes. Desse modo, Compagnon (2009) diz que:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. "Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.". (COMPAGNON, 2009, p. 47)

Vale ressaltar que tivemos recentemente as contribuições teórico-metodológicas da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) e do Documento Curricular do Rio Grande do Norte para o ensino de Língua Portuguesa

(2018) para a reflexão sobre as características dos alunos e a abordagem da literatura nos anos finais do Ensino Fundamental.

Em termos gerais, o Documento Curricular do Rio Grande do Norte para o ensino de Língua Portuguesa (2018) e a BNCC estão em consonância no que se refere às expectativas de aprendizagens dos alunos em relação à literatura. Para tanto, os alunos devem:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 87)

Nesse sentido, torna – se bastante pertinente a reflexão sobre a importância da literatura no contexto escolar e as contribuições que ela pode oferecer para uma formação mais humana do sujeito, através das interações nas mais variadas situações e contextos sociais.

A literatura, precisamente, é um dos instrumentos humanos que melhor ensina “a se perceber” que há mais do que o que se diz explicitamente. Qualquer texto tem vazios e zonas de sombra, mas no texto literário a eclipse e a confusão foram organizadas deliberadamente. Como quem aprende a andar pela selva notando as pistas e sinais que lhe permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio. (COLOMER, 2007, p. 70)

Essas interações são marcadas por elementos individuais e coletivos que caracterizam e definem os grupos sociais aos quais os sujeitos pertencem. Entretanto, essa relação é permeada pela linguagem escrita que pretende armazenar os saberes, organizar a sociedade e libertar dos limites impostos pelo tempo, pelo espaço e libertar das limitações físicas do ser humano.

Sobre essa questão, Cosson (2007) afirma:

[...] é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos [...] (COSSON, 2007, p. 16).

A abordagem desse trabalho está alicerçada na concepção de que o texto literário se efetive com uma forma de construção e reconstrução da palavra que humaniza. Através da leitura e da escrita do texto literário encontramos o sentido de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura contribui para a reflexão crítica, o enriquecimento linguístico, amplia a sensibilidade, incentiva a criatividade e produz no aluno o prazer estético.

Na literatura, temos a liberdade de nos apropriarmos e transgredirmos o plano da realidade, através do plano imaginário e pela mediação dos signos verbais ou não verbais. Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), destacam que:

Pensar sobre a literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos, em que as invenções da linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens.
(BRASIL, 1998, p. 36).

Nessa perspectiva, a literatura permite o deslocamento entre a realidade e a imaginação como forma de se enxergar uma determinada situação por um outro ângulo, sem que isso signifique total abstração ou distanciamento completo da realidade. Sobre essa questão, Calvino (1990), afirma que: “No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo...”.

A perspectiva adotada nesse projeto é que os alunos possam perceber a literatura como uma forma mais ampla de compreensão do mundo, da natureza, da sociedade e dos nossos semelhantes. Essa compreensão está intimamente relacionada à perspectiva humanística e reflexiva da educação na constituição social dos sujeitos.

A esse respeito, Cândido justifica a relevância da literatura, destacando que:

[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Nesse sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. (CÂNDIDO, 2011, p. 177)

E destaca também que:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza ou os que consideram prejudiciais estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. (CANDIDO, 2011, p. 177)

Há nessas afirmações uma profunda reflexão que precisa fazer parte das práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula da educação básica, pois nelas, estão contidas bases essenciais da constituição de uma sociedade preocupada e atenta às reais necessidades da convivência humana mais justa e igualitária.

Contudo, destacamos que existem outras instâncias sociais que também podem e devem assumir também a sua responsabilidade nessa construção coletiva. A literatura é apenas um dos mais significativos instrumentos de ampliação da percepção das relações e estruturas sociais.

3.1 Escolarização da literatura nos anos finais do ensino fundamental

Sempre que se discute a presença da literatura nas salas de aula de ensino fundamental, emergem duas questões bastante importantes: o texto literário deve ser abordado apenas esteticamente e por prazer ou deve ser explorado ao máximo em seus aspectos formais e estruturais?

Essas questões postulam um grande abismo em relação à presença dos textos literários nas salas de aula da educação básica. Por um lado, parece que eles devem ser apenas contemplados como objetos estéticos imutáveis. Por outro lado, devem ser extraídos deles todos os conteúdos e sentidos possíveis, a partir de sua estrutura textual e linguística.

Nesse sentido, professores se indagam sobre o que e como ensinar literatura e alunos questionam o sentido e para que estudar literatura. Entretanto, Cosson (2007, p. 26-27) enfatiza que: “No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração”.

Dessa forma, não se trata apenas de uma ou outra escolha sobre como trabalhar o texto literário em sala de aula. Mas de uma tentativa de equilíbrio entre a

multiplicidade de significações do texto literário e suas características como objeto de linguagem em que seus elementos constitutivos corroboram para uma interpretação de mundo mais aprofundada.

Nesse contexto escolar, Cosson (2007, p. 29) chama a atenção para o papel fundamental do professor: “Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos”.

Sendo assim, a forma como a literatura é concebida para os alunos determina tanto o interesse e o gosto quanto à indiferença e a aversão aos textos literários. Trata – se da garantia do protagonismo dos alunos e da importância da contextualização para dar sentido ao que se aprende.

Vale ressaltar que o processo de escolarização da literatura não significa a descaracterização do que é literário. Segundo Soares (2001, apud COLOMER, 2007), quando se tornar um “saber escolar”, a literatura pode ser escolarizada sem, contudo, ser desfigurada, desvirtualizada e falseada. Ainda a mesma autora diz que:

A literatura também servirá para aprender a comunicar oralmente um texto: as obras são recitadas, são dramatizadas ou são lidas em voz alta para compartilhá-las com os demais. E também para memorizá-las e convertê-las em parte de nossas lembranças, ou seja, de nós mesmos. (COLOMER, 2007, p. 159-160)

Nesse sentido, o trabalho com a literatura em sala de aula deve contemplar a diversidade e a capacidade de significação de textos literários, os recursos expressivos de linguagem, a multiplicidade de formas e a pluralidade de temas próprios do discurso literário. Além disso, possibilitará a escola a se tornar uma comunidade de leitores de literatura.

3.2 A leitura literária e formação de leitores na escola

Sabemos que a palavra leitura possui várias definições e que está presente em diversas áreas. Entretanto, em nosso trabalho, nos detemos a observar a sua presença na área de literatura, por isso, nos ocupamos de abordar a leitura literária e sua presença no contexto da escola.

Essa nossa escolha alicerçou - se no que diz Zilberman (1988, p. 10), “A escola é o lugar onde se aprende a ler e a escrever, conhece-se a literatura e

desenvolve-se o gosto de ler.” E nas suas peculiaridades e capacidade de promover a leitura de obras e textos literários. Embora não seja uma causa abraçada por todos no contexto escolar, é nessa instituição que as práticas de leitura literária podem e devem ser sistematizadas. Colomer (2007) afirma que:

O trabalho escolar sobre as obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler. (COLOMER, 2007, p. 62)

Nesse sentido, antes de falar sobre a leitura literária como um tipo de leitura peculiar, temos que pensar então na especificidade do texto literário. Não há como dissociar essas duas dimensões, visto que para ser considerado literário, o texto depende da apreciação e avaliação de um leitor. Dessa forma, o texto por si só não se justifica, pois sem a presença do outro, constitui-se apenas de palavras, frases e termos isolados. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predomina a força criativa da imaginação e a interação estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998. p. 26).

Além dessas características próprias do texto literário, acrescentamos algumas contribuições de Umberto Eco (1988 apud SANTOS 2007) sobre a relação do leitor com o texto, numa perspectiva colaborativa. Apesar de essa referência ser aplicada a um sentido mais amplo de texto, sua aplicação no que diz respeito ao texto literário também é bastante pertinente.

Eco chama a atenção para a incompletude do texto. Segundo ele, isso ocorre porque o texto incompleto pressupõe sempre a colaboração de um destinatário. Existem espaços em branco e vazios que precisam ser preenchidos. Além disso, o texto é intermediado pelo não dito, ou seja, aquilo que não se manifesta na superfície, no nível da expressão, mas que tem que ser atualizado no nível de atualização do conteúdo.

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos

textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27).

Somando-se a importância dessas habilidades frisadas pelos PCN (1998), temos a influência dos aspectos pragmáticos na relação texto-leitor. Por isso, mesmo que o leitor não esteja presente, é necessário prever seus comportamentos de diversas maneiras. Esse leitor, denominado por Eco (1988) como leitor-modelo, é que permitirá o movimento de construção do texto.

Também encontramos importantes contribuições para um melhor entendimento dessa relação texto-leitor nos estudos postulados na obra: *Leitura subjetiva e ensino de literatura* (2013), dos autores Annie Rouxel, Gérard Langlade e Neide Luzia de Rezende, como explicações contundentes sobre a perspectiva subjetiva da leitura e o “sujeito leitor”.

Sobre a expressão “sujeito leitor”, os autores esclarecem “[...] evidentemente se trata de uma identidade “plural”, móvel, feita de *eus* diferentes que surgem segundo os momentos do texto, as circunstâncias de leitura e as finalidades que lhe são designadas”. As características desse “sujeito leitor” demonstram a dinamicidade da ressignificação dadas aos textos ao longo das leituras.

Quanto à leitura literária em sala de aula, esta pode ser realizada a partir de diversas práticas. Cosson (2018) apresenta várias possibilidades de evidenciar o texto literário no contexto escolar. As sugestões apresentadas têm o intuito de contribuir com a experiência da fruição e do prazer da leitura, despertando o interesse dos alunos pela literatura.

As propostas de práticas de leitura literária envolvem dimensões mais amplas, tais como: o silêncio, a voz, a memória, a interação, a participação, o RPG, o comentário e a análise. Dentro dessas dimensões, o autor apresenta detalhadamente algumas atividades que, embora não sejam exclusivas da leitura literária, quando aplicadas ao texto literário, ampliam significativamente a experiência com a palavra e o desenvolvimento da competência literária do leitor.

Nas práticas de leitura literária é muito importante que o prazer e a fruição da leitura estejam alinhadas a uma concepção de que o leitor realiza uma avaliação, relacionando a leitura com os textos que fazem parte do repertório de leituras

literárias, à história pessoal, às emoções, aos sentimentos e às recordações literárias ou lembranças de momentos vividos por ele.

É preciso também pensar em momento em que esse leitor seja submetido à reflexão junto com seu grupo em sala de aula. Esse momento contribuirá para a ampliação das interpretações, o confronto com outras significações e ressignificação de conceitos e valores. Além disso, essa troca permitirá a consolidação de uma comunidade de leitores.

3.3 A escrita autobiográfica no ensino fundamental

A observação do contexto escolar, das vivências de sala de aula, bem como, das reais necessidades de aprendizagem dos alunos, constitui-se como aspecto fundamental para a compreensão de como se constroem e se desenvolvem as relações e as interações sociais e a percepção dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Seus comportamentos e emoções revelam a diversidade de situações e de temáticas imbuídas no contexto escolar e nos fornecem informações como os alunos compreendem seu protagonismo e sua atuação nos grupos dos quais fazem parte. Embora que para alguns professores pareça muito simplista e subjetiva, a escrita autobiográfica contribui para reflexões muito importantes acerca dos diferentes “eus” assumidos por nós nos mais variados contextos sociais.

Infelizmente, na maioria dos casos em que se solicita aos alunos uma produção de escrita autobiográfica, não é dada a devida importância para o papel social que eles ocupam. São jovens, filhos, alunos e integrantes de grupos sociais dos mais variados possíveis.

Partindo dessa premissa, identificamos na turma de 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira a necessidade de os alunos compreenderem a importância da escrita sobre si mesmo como forma de percepção e construção de memórias no convívio social e cultural.

Essa perspectiva pode ser mais bem compreendida a partir dos estudos de Lejeune (2014). Neles, o autor destaca a importância do texto autobiográfico como compromisso de dizer a verdade sobre si, ou seja, o leitor pode comprovar a veracidade dos fatos porque o próprio autor do texto permite que isso possa ser feito. Além disso, é possível identificar marcas de autoria deixadas, propositalmente, pelo autor ao longo do texto.

Essas marcas de autoria constituem-se como uma espécie de contrato entre o autor e o leitor. Esse contrato se baseia na afirmação de identificação entre autor, narrador e personagem. Essa identificação pode ser estabelecida de diferentes maneiras: o narrador e personagem possuem o mesmo nome; o personagem não tem nome, mas o autor fornece indícios de que se trata de um narrador-personagem, através de prefácios, preâmbulos e títulos que remetam ao autor da obra; o autor cita aspectos relacionados à sua própria vida como, por exemplo, outras obras produzidas por ele, nomes de pessoas que lhe são familiares como: pai, mãe, irmãos.

Identificamos as premissas de Lejeune (2014), em diversos trechos da obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça (2003)*. Por essa razão, selecionamos a referida obra literária para relacioná-la com a escrita autobiográfica dos alunos e destacar a relevância dessa modalidade de texto.

No trabalho de Nascimento (2015), a autora detalha as características principais que evidenciam a obra *Oiteiro* como autobiográfica. Contudo, há outras características mencionadas no estudo, tais como, os aspectos ficcionalizantes, que não anulam o teor autobiográfico da obra e a presença da escrita memorialística.

São apontamentos bastante significativos que visam não apenas conceituar a obra como autobiográfica, ficcional ou memorialística. Trata-se, sobretudo de destacar a importância literária e a relevância de seu conteúdo para a realização de múltiplas e variadas leituras.

Destacamos alguns trechos do livro *Oiteiro* que apontam as características da escrita autobiográfica. Lejeune (2014, p. 16) assim define o texto autobiográfico: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular de sua personalidade”, essa foi uma primeira definição criada pelo teórico como forma de legitimar o gênero autobiografia. Além disso, o autor institui o conceito de *pacto autobiográfico* e caracteriza quatro categorias distintas que evidenciam o pacto na obra estudada.

1. Forma de linguagem
 - a) Narrativa;
 - b) Prosa.
 2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade.
 3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.
 4. Posição do narrador:
 - a) Identidade do narrador e do personagem principal;
 - b) Perspectiva retrospectiva da narrativa.
- (LEJEUNE, 2014, p. 17)

Essa definição de Lejeune (2014), aplicada aos textos considerados autobiográficos, nos dá os claros indícios de que a obra *Oiteiro* pode ser considerada com uma obra autobiográfica. Entretanto, o próprio teórico ao ampliar sua pesquisa com os textos autobiográficos, vai atingindo outros gêneros e reformulando seu conceito inicial de *pacto autobiográfico*.

As formas do pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar *sua assinatura*. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade. Sabe-se muito bem o quanto cada um de nós preza seu nome próprio. (LEJEUNE, 2014, p. 30-31).

Já no início da obra *Oiteiro*, na seção intitulada *Aos Leitores*, Magdalena Antunes, confirma aspectos muito importantes do *pacto autobiográfico* postulado por Lejeune (2014):

[...] Este livro não tem prefácio. Solto-o ao vento como um lenço “côncavo de beijos”, para minha tríplice geração, representada na minha última filha Joana D’Arc Pereira do Couto, última neta, Maria Alice de Oliveira Pereira e primeira bisneta Marildinha Varela Raulino.
(ANTUNES, 2003, p.13).

Embora não apareça claramente o nome próprio da escritora Magdalena Antunes, temos todas as informações necessárias para identificá-la como autora do livro, através do nome de sua última filha, da última neta e da primeira bisneta para que possamos confirmar e constatar a veracidade dos escritos. Ou seja, há evidências claras do compromisso em assumir a verdade sobre si.

Durante alguns capítulos da obra *Oiteiro* é possível perceber vários outros exemplos que comprovam e reafirmam esse compromisso. Dentre os registros encontrados, selecionamos aqueles mais relevantes e pertinentes para essa pesquisa. Além disso, são trechos que podem ser facilmente associados ao contexto familiar e social da escritora Magdalena Antunes.

Destacamos o alvoroço e a inquietação de toda a família na casa grande do engenho *Oiteiro* na manhã da partida de Magdalena Antunes para o Colégio de São José no Recife:

A tia Melânia andava de um lado para outro dando ordens, pois, minha mãe, além de estar fazendo os últimos preparativos da

viagem, chorava às escondidas. Ia também com meu pai e minha irmãzinha de 5 anos, mas deixava os dois filhos com a tia Melânia, a mais educada da família, pois sabia francês e “falava diferente da gente”.
(ANTUNES, 2003, p. 45)

Mesmo num momento de muita pressa e correria, Magdalena Antunes não deixa de observar as qualidades de sua tia Melânia a quem na sequência das cenas é descrita como um exemplo na família por sua excelente educação e a fluência no francês.

Também seu marido ajuda nos cuidados com os sobrinhos menores. Magdalena viaja para o Recife na companhia do pai, da mãe e da irmãzinha. Uma breve descrição do marido da tia Melânia nos revela um pouco do significado do plantio da cana de açúcar.

O marido, gordo e simplório, avermelhado de rosto, trajava displicentemente roupas de algodão, parecendo mais um tabaréu que um doutor. Abandonara a carreira de medicina e plantava cana, dizendo ser melhor do que plantar cruzeiros no cemitério. Moravam no “sobradinho” da cidade, no pátio do mercado. Lá é que iriam ficar meus dois irmãozinhos, Ezequiel e Juvenal. (ANTUNES, 2003, p. 46)

Nesse trecho temos a referência aos nomes verdadeiros dos irmãos mais novos de Magdalena Antunes que ficaram em Ceará-Mirim enquanto seus pais viajavam rumo ao Recife e voltariam um mês depois.

Já no caminho para o Colégio São José, passando pela Aldeia Velha, Magdalena ouve uma história de um senhor chamado seu Torres que curava de engasgo e recordou de Tonha, com quem brincava na infância.

Lembrei – me da pobre Tonha nas vezes que se engasgava, porquanto levava um trompaço no cogote e a espinha do peixe ou o ossinho pulava lá fora e ela passava o dia dizendo:
- “Sinhá Lica, o cachaço doeu mais do que o engasgo...”
(ANTUNES, 2003, p. 53)

O apelido Sinhá Lica foi dado a Magdalena Antunes por Patuca, escrava vinda como dote do casamento de dona Joana Soares com o coronel José Antunes. Patuca tornou-se, assim, a mãe preta da filha primogênita do casal, ao qual pediu licença para a criança por Sinhá Lica.

Na leitura da obra *Oiteiro*, a autora deixa claro em algumas passagens que sempre teve aversão aos estudos e nunca se destacou com honras e méritos como os irmãos. Numa dessas situações, ela descreve seu embaraço por não obter o mesmo desempenho de sua irmã.

Não estava disposta a passar pela vergonha de ver minha irmãzinha Etelvina com o peito cheio de medalhas, e eu não. Jamais esqueceria aquele domingo em que, aparecendo ela, à hora do almoço, com todos os prêmios pregados à blusa, meu pai me interrogou: - Por que não pões também os teus? - E intencionalmente: - Vai coloca-los. Desejo ver-te com as distinções de aplicação nos estudos.
(ANTUNES, 2003, p. 219-220)

Mais uma vez aparece o nome verdadeiro da única irmã de Magdalena Antunes reforçando a ideia de que estamos diante de um texto autobiográfico. E por fim, mais um trecho revelador dessa escrita autobiográfica. Trata-se de um registro feito pela escritora e irmã Etelvina Antunes no álbum de Magdalena.

“Aqui ficam, querida irmã, pássaros esboçados pelo meu pobre pincel e versos da minha desafinada lira. Guarda-os. Talvez que ninguém ainda se tenha inclinado com tanta emoção e carinho sobre as páginas do teu álbum como a tua única irmã. - Etelvina.”
(ANTUNES, 2003, p. 329).

Os trechos selecionados para evidenciar a escrita autobiográfica constituem-se como exemplos ilustrativos da primeira definição de texto autobiográfico postulado por Lejeune. As referências a Magdalena Antunes são facilmente comprovadas nos aspectos autobiográficos e também nos aspectos memorialísticos que serão abordados na próxima parte desse trabalho.

3.4 Escrita autobiográfica e memorialística

Além de possuir características autobiográficas, o livro *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003) também é considerado uma obra memorialística em que a escritora, Magdalena Antunes, evoca lembranças de sua infância no engenho Oiteiro, propriedade de seu pai. E a convivência com personagens que influenciaram sua vida e ficaram gravadas na sua memória.

A importância dada à memória deve-se ao fato de que no contexto atual há uma necessidade de refletirmos sobre o nosso papel na sociedade e como nos relacionamos com os outros que estão ao nosso redor e quais os entrelaçamentos

existentes entre as experiências vivenciadas hoje e as influências deixadas por outras gerações.

É comum observarmos, por exemplo, a preocupação que muitas pessoas têm com as situações que ocorrem naquele exato momento. As relações sociais estão extremamente marcadas pelos eventos momentâneos e instantâneos. Além disso, há uma dificuldade de se observar as situações, eventos e fatos que antecedem nossas ações no presente. Essa característica das relações sociais atuais provocam um distanciamento, desconhecimento e desvalorização das experiências vivenciadas pelo sujeito em diferentes grupos e contextos.

Sobre essa característica das relações sociais, Halbwachs (2006) afirma:

[...] Existem pessoas de quem se diz que estão sempre no presente, que só se interessam pelas coisas que a rodeiam naquele momento, que se relacionam com o objeto de sua atividade, ocupação ou distração do presente. Fechando um negócio, terminada uma viagem, essas pessoas não pensam mais no que foram seus associados ou seus companheiros. Logo se prendem a outros interesses, envolvem-se em outros grupos (HALBWACHS, 2006, p 36).

Esse trabalho pretende contribuir também com a reflexão sobre o papel da memória social e cultural, destacando a relação entre as memórias do sujeito e o alinhamento dessas memórias com o grupo. Encontramos fundamentação para essa abordagem em Bosi (2015), na obra *Memória e sociedade*; e em Halbwachs (2006), na obra *A memória coletiva*.

Esses estudos nos permitem compreender a percepção e construção da memória coletiva de uma sociedade, numa perspectiva de entrelaçamento das experiências vivenciadas entre diferentes gerações.

Nessa perspectiva, o presente e o passado se tornam um ponto de convergência de aspectos relativos aos conhecimentos adquiridos ao longo da história dos grupos aos quais, o sujeito pertence e interage.

Sobre esse aspecto, Bosi (2015), destaca que:

[...] Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2015, p. 47)

Nossa intenção é que os alunos possam relacionar essa conexão entre a memória do passado, no presente, como forma de percepção da construção da memória e o papel que eles têm nesse entrelaçamento histórico, social e cultural.

Essa percepção acontece mediante o envolvimento com as lembranças e recordações das vivências familiares e sociais da autora na época descrita na obra *Oiteiro*.

Recordas-me o Oiteiro e ele a minha infância, fonte perene na qual cada um procura, vez por outra, nos momentos de desânimo, aquela paz benfazeja que a criança desperdiça, o homem ambiciona e os velhos recordam... (ANTUNES, 2003, p. 31)

Nas memórias retratadas por Magdalena Antunes há predominância de características bem mais coletivas, sociais e culturais que propriamente individuais. Na obra, além das lembranças e recordações da autora, um entrelaçamento com as lembranças de outras personagens que ganham voz e espaço na narrativa. Destacamos uma recordação de Patuca sobre o dia em que recebeu a notícia que seria vendida a um coronel, cuja filha iria se casar e faria parte do dote de escravos. Antunes (2003, p. 114), registra “- Deixem lembrar [...] Já faz muito tempo e eu era menina de saias curtas, quando, um dia, fui surpreendida com a notícia de que fora vendida a outro senhor”. Esse relato traz consigo a memória de como era feita normalmente a comercialização de escravos pelos senhores de engenho.

Mesmo se tratando de uma lembrança aparentemente individual Halbwachs destaca que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

Esse entrelaçamento de memórias está presente em grande parte da obra o que nos leva a acreditar que mais importante do que retratar suas memórias Magdalena Antunes consegue fazer do livro *Oiteiro* um registro de histórias de vidas que permeiam várias gerações e classes sociais, situadas no mesmo lugar comum, os engenhos e casarões do município de Ceará – Mirim.

4 SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Em nosso trabalho de pesquisa buscamos organizar didaticamente as atividades para que todas as etapas previstas acontecessem de maneira gradativa, mas, que ao mesmo tempo fosse possível verificar as aprendizagens construídas em cada etapa, bem como, perceber a necessidade de redimensionarmos algumas ações.

Nesse sentido, optamos por utilizar a sequência básica do letramento literário preconizada por Rildo Cosson. Essa escolha levou em consideração a forma como as atividades poderiam ser planejadas e desenvolvidas, mediante o nosso problema de pesquisa e nosso objeto de estudo.

A sequência básica proposta por Cosson (2007) apresenta três perspectivas metodológicas: a oficina, a técnica do andaime e o portfólio. A primeira delas preconiza a construção do conhecimento pela prática, ou seja, o aluno aprende a fazer fazendo. A segunda trata da divisão ou transferência da edificação do conhecimento para o aluno. Nesse processo, o professor atua apenas como andaime enquanto o aluno age autonomamente na realização das atividades. E por último, temos a perspectiva do portfólio em que acontecem os registros das atividades e da evolução das aprendizagens obtidas pelos alunos ou pela turma.

Na nossa pesquisa, utilizamos atividades que se ajustaram a essas perspectivas metodológicas. Durante os quatro passos propostos na sequência básica de Cosson, quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação, houve alternância e adequação dessas atividades de acordo com os objetivos e o tempo previsto para cada etapa de trabalho.

Nesse sentido, a sequência básica do letramento literário, proposta por Cosson (2007) se apresentou como a forma mais adequada de desenvolvermos nossa pesquisa. Segundo o autor:

[...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio". (COSSON, 2007, p. 12).

Outra observação bastante pertinente é que "o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos. (COSSON, 2007, p. 34)". Na obra

literária *Oiteiro*, tratamos de temas que mesmo não sendo contemporâneos, nos remete a questões bastante atuais como, por exemplo, a religiosidade do povo cearamirinense, algumas atividades econômicas e formas de organização social que se mantêm tradicionalmente igual.

4.1 A sequência básica do letramento literário e a obra *Oiteiro*

A seguir, detalhamos os quatro passos da sequência básica do letramento literário e como esta metodologia foi pensada para o trabalho com os alunos do 9º ano da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira e a obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), da escritora norte-rio-grandense, Magdalena Antunes.

Após a apresentação de como foi planejada essa sequência, iremos relatar a execução da pesquisa, as dificuldades enfrentadas, as dúvidas que surgiram no percurso, as sugestões feitas pelos alunos e a que conclusões finalmente chegaram, e se valeu a pena trilhar os caminhos da investigação, da descoberta e do conhecimento.

4.1.1 Motivação (duas aulas)

A etapa da motivação teve como finalidade situar os alunos no contexto literário de Ceará-Mirim, a partir de aulas expositivas dialogadas. Inicialmente, foi feita uma sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos acerca da cidade. Fizemos algumas indagações sobre o que os alunos conheciam a respeito da geografia, economia, história e da cultura do município de Ceará-Mirim. Segundo Cosson (2007, p. 55): “A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação”. O propósito dessa atividade foi construir ancoragens, a partir dos conhecimentos que os alunos já tinham sobre o lugar onde vivem, os fazendo se perceberem como parte integrante da memória, da cultura e da sociedade em que estão inseridos.

Essa etapa de trabalho foi desenvolvida em duas aulas. Como se tratou apenas da motivação, fizemos o registro dos aspectos mais relevantes citados pelos alunos em um painel e utilizamos o resultado dessa atividade para o planejamento sistemático das etapas seguintes da sequência.

4.1.2 Introdução (quatro aulas)

A introdução é o momento em que apresentamos a obra e a autora. Nessa etapa, fizemos a relação entre a problemática da pesquisa e a escolha da obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça (2003)*, da escritora norte-riograndense, Magdalena Antunes. Ressaltamos aqui, a importância da apresentação física da obra para os alunos. Segundo Cosson (2007, p. 60): “A apresentação física da obra é também um momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha [...] que introduzem uma obra”. Além disso, ao manusearem o livro *Oiteiro*, os alunos identificaram uma familiaridade com seu contexto atual em alguns capítulos como, por exemplo: As lendas; A feira; Ceará-Mirim e O engenho sem escravos.

Esses termos que nomeiam alguns dos capítulos do livro fazem parte do cotidiano dos cearamirinsenses, independentemente da condição social, se moram no centro da cidade ou nas comunidades rurais, se são velhos ou jovens. De alguma maneira, essas expressões são características dos munícipes.

Para esta etapa do trabalho, destinamos cerca de quatro aulas. Trata-se ainda nessa fase de possibilitar o contato direto dos alunos com a narrativa autobiográfica, lhes permitindo construir suas próprias imagens, impressões e sentimentos.

4.1.3 Leitura (quatro aulas)

Os intervalos de leitura foram os momentos em que dialogamos com os alunos sobre o que eles pensavam, sentiam e percebiam a cada capítulo lido. Os alunos puderam abordar diversos aspectos da obra durante a leitura dos capítulos. Sendo assim, organizamos breves momentos para a explanação acerca dos trechos mais relevantes de cada capítulo que a turma já tinha feito a leitura. Segundo Cosson (2007, p. 64): “É durante a atividade de intervalo que o professor perceberá as dificuldades de leitura dos alunos”. Esse diálogo constante garantiu o acompanhamento sistemático da leitura, observando as possíveis dificuldades enfrentadas pelos alunos. Além disso, essa estratégia serviu efetivamente para elaborarmos intervenções pedagógicas que contribuíssem com o processo da leitura do livro como um todo, atentando para a conexão entre as partes.

Durante as quatro aulas previstas para a etapa da leitura, organizamos duas delas para os momentos de intervalos: a primeira para tratarmos das impressões iniciais acerca da obra e os aspectos mais significativos para os alunos. Já na segunda aula, realizamos uma aula vivencial, fazendo uma visita a vários espaços citados na obra *Oiteiro*.

A aula vivencial foi um dos momentos mais importantes na realização da pesquisa, pois, os alunos tiveram a oportunidade de visitar locais citados na obra *Oiteiro*. Essa atividade gerou várias reflexões acerca da maneira como se encontram patrimônios e espaços importantes do município e a atuação dos munícipes e órgãos públicos na sua conservação e preservação.

4.1.4 Interpretação (quatro aulas)

A quarta etapa foi o momento da interpretação. Nessa fase da pesquisa os alunos, a partir das interpretações individuais e coletivas, expuseram a compreensão que tiveram sobre a importância do texto autobiográfico na percepção e construção da memória coletiva. Segundo Cosson (2007, p. 65): “O momento externo é a concretização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade”. Ou seja, ao final da leitura da obra, os alunos puderam indicar a leitura da obra para outras pessoas, guardar em sua memória os momentos mais tocantes e também compartilhar com outras pessoas do seu convívio o que construíram de conhecimentos a partir de suas interpretações. Segundo o autor:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (COSSON, 2007, p. 66)

Nesse sentido, para que essa etapa acontecesse de maneira mais colaborativa, foram propostas atividades que possibilitaram o efetivo envolvimento dos alunos e que promoveram aprendizagens significativas. Essas atividades tiveram o propósito de garantir a sistematização e o entrelaçamento entre todas as atividades desenvolvidas nas etapas anteriores.

Não basta que os alunos apenas tenham contato com a obra literária em si. É preciso que ela os instigue a uma transformação interior ao mesmo tempo em que os façam imaginar, sentir, questionar, criar, confrontar e relacioná-la de alguma maneira com sua realidade.

Na nossa pesquisa, os alunos realizaram entrevistas, fotografaram, questionaram e perceberam como é importante o nosso protagonismo na construção das memórias coletivas e culturais dos grupos sociais aos quais pertencemos.

Para essa etapa do trabalho, destinamos quatro aulas, distribuídas em diversas atividades. A intenção foi levar ao conhecimento daqueles alunos um pouco da história de vida e da obra da escritora Magdalena Antunes. Além disso, promovemos a troca de experiências e a interação entre alunos que estudam em outras turmas da escola. Dessa forma, todos puderam conhecer e se reconhecer como parte integrante e indissociável da história e da cultura cearamirinense.

4.2 Caminhos éticos necessários à pesquisa

Toda pesquisa que envolve seres humanos pressupõe uma discussão sobre a necessidade de se garantir em seu desenvolvimento, princípios éticos inegociáveis e indispensáveis à condição humana. Entretanto, essa discussão ainda é muito recente na área das Ciências Humanas e Sociais. As principais diretrizes sobre a ética em pesquisa nessa área foram instituídas pelo Conselho Nacional de Saúde, através da Resolução 510, de 07 de abril de 2016.

Essa Resolução foi elaborada considerando as orientações contidas em outros importantes documentos que tratam da dignidade, da liberdade e da autonomia do ser humano, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948; a Declaração Interamericana de Direitos e Deveres Humanos, de 1948 e a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012.

Contudo, antes de uma abordagem mais pontual sobre os aspectos éticos da pesquisa intitulada “*Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes”, do Mestrado Profissional em Letras-Profletras, esclarecemos duas dimensões distintas que se inter-relacionam: a ética do profissional pesquisador e o respeito aos participantes da pesquisa.

A ética em pesquisa envolvendo seres humanos pressupõe duas questões essenciais: a ética do profissional e o respeito aos participantes. A primeira

corresponde ao papel do pesquisador e a responsabilidade assumida por ele em seguir o código ético de sua profissão. A segunda se refere às relações estabelecidas entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, em que os interesses científicos do pesquisador não devem ter prioridade sobre o bem-estar dos participantes da pesquisa.

No âmbito da ética do profissional, cabe ao pesquisador e a instituição à qual está vinculado garantir a integridade e a confiabilidade do trabalho científico a ser desenvolvido, através do cumprimento de procedimentos fundamentais como, por exemplo: respeitar às particularidades e necessidades dos participantes, não divulgar informações da pesquisa sem a prévia autorização, não adulterar etapas e resultados da pesquisa, não cometer plágio, não se apropriar de bens materiais e intelectuais.

Em se tratando do respeito aos participantes da pesquisa, é imprescindível destacar que essa questão está intimamente relacionada aos impactos que a pesquisa terá sobre os participantes. Em nenhuma das etapas os interesses da ciência ou da sociedade podem sobrepor o bem-estar dos participantes. Essa garantia precisa ser firmada entre o pesquisador e os participantes a fim de protegê-los dos riscos inerentes à pesquisa envolvendo seres humanos.

No desenvolvimento da nossa pesquisa considerou-se indispensavelmente atender às perspectivas dos documentos oficiais normativos na perspectiva dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos metodológicos utilizados, do contexto de aplicação da pesquisa, e, principalmente, das características dos seus participantes.

O equilíbrio entre a postura ética do pesquisador e o respeito aos participantes são primordiais para a obtenção de resultados significativos e efetivos na pesquisa. Além disso, garantem os princípios fundamentais do respeito aos direitos do homem. O agir ético do pesquisador deve demandar ações conscientes e livres dos participantes.

Vale ressaltar que nossa pesquisa foi devidamente submetida à Plataforma Brasil, seguindo todas as orientações e formalidades, registrada com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - **CAAE: 13935319.2.0000.5537**, **número do parecer: 3.474.738**, e o parecer consubstanciado dado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 29 de julho de 2019, com situação do parecer: **APROVADO**.

Nesse sentido, a exposição das informações, dados e registros fotográficos feitos durante a realização da pesquisa, além de terem sido autorizados pelos alunos e por seus responsáveis legais, seguiram todas as orientações e documentações previstas na Plataforma Brasil e no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

4.2.1 As contribuições da pesquisa para a comunidade escolar e extraescolar

A pesquisa intitulada “Oiteiro: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes” ofereceu benefícios potenciais aos seus participantes, a comunidade escolar e extraescolar. Esses benefícios fazem parte da singularidade da pesquisa, uma vez que, ela trata de um tema que permeia o contexto escolar e para além dele.

Dentre os aspectos mais gerais a serem destacados na pesquisa estão a inserção da literatura no contexto do ensino fundamental, a abordagem de uma obra e autora da literatura local e a relação entre literatura e texto autobiográfico.

Em se tratando dos aspectos mais específicos, o trabalho de pesquisa proporcionou a reflexão e incorporação de novas experiências, pois o consumo da literatura induz às práticas socializantes, que se mostram democráticas e igualitárias. Além disso, o trabalho com textos literários é essencial para a formação do indivíduo, para seu aprimoramento intelectual e, sobretudo, ético. A literatura pode funcionar como espelho no qual o leitor se percebe e formula questionamentos sobre a própria existência.

No contexto escolar, o trabalho de pesquisa envolvendo a literatura contribuiu para o aperfeiçoamento e fluidez da leitura e da escrita, o desenvolvimento vocabular, o estímulo das possibilidades intelectuais, o desenvolvimento da sensibilidade, do senso crítico e artístico, da sociabilidade e do trabalho coletivo.

Já em relação ao contexto extraescolar, os benefícios foram proporcionados através do estímulo ao sentimento de pertencimento sociocultural, a valorização das produções literárias de autores locais, relacionando-as com questões mais globais, despertando uma participação mais efetiva dos sujeitos nos mais diversos contextos socioculturais.

Outro aspecto relevante da pesquisa se referiu ao entrelaçamento de conhecimentos dos participantes da pesquisa com heranças deixadas pelas

gerações anteriores, aproximação com os ausentes, conhecimento de outras formas de falar, viver e de se relacionar, proporcionando experiências mais humanizadoras.

Todos os benefícios desta pesquisa foram devidamente esclarecidos aos seus participantes. Além disso, eles têm total acesso aos resultados obtidos e eventuais materiais produzidos na pesquisa.

Esse trabalho não apenas buscou contribuir para a compreensão da importância da escrita autobiográfica, como também a inserção da literatura na sala de aula do ensino fundamental numa perspectiva estética, histórica, social e cultural. Dessa forma, as atividades propostas nesse trabalho possibilitaram que os alunos desenvolvessem a sensibilidade, a criticidade e a percepção de mundo.

5 RELATO REFLEXIVO DA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NA SALA DE AULA

O momento de relato da experiência da aplicação de uma pesquisa e seus resultados constitui-se como uma das etapas mais significativas de todo o trabalho desenvolvido. É através desse relato que podemos averiguar a relevância da pesquisa, quais as principais dificuldades encontradas durante sua realização e quais as contribuições mais significativas que dela extraímos.

Entretanto, não significa que as possibilidades de pesquisa se esgotaram, ao contrário, são apontados outros caminhos e outras abordagens que não conseguimos abarcar ou que merecem uma atenção e um olhar mais específico sobre aquele problema, sobre aquela temática.

Na nossa pesquisa, seguimos na direção de responder ao questionamento: por que os alunos do 9º ano da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira, consideravam o texto autobiográfico como sendo de menor prestígio? Para tanto, refletimos sobre as experiências que os alunos tinham em leitura e de escrita desse tipo de texto.

Essa investigação nos levou ao nosso objeto de pesquisa, a obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), escrito por Magdalena Antunes. Formulamos nosso objetivo geral e os específicos buscando os referenciais teórico-metodológicos que melhor nos auxiliariam nessa trajetória de pesquisa.

Contudo, para que pudéssemos desenvolver essa pesquisa, através da sequência básica do letramento literário proposta por Cosson (2007), enfrentamos algumas dificuldades em relação ao adiamento de algumas aulas devido à realização de eventos internos e algumas situações externas que envolviam a participação e o apoio da onde realizamos nossa pesquisa.

Sobre a aceitação dos pais a participação dos alunos nas etapas previstas na pesquisa não teve nenhum tipo de problema. Foi fundamental em todo o processo o apoio da gestão da escola e de todos profissionais que trabalhavam no turno matutino. Sem parcerias e apoio, os caminhos da pesquisa ficam mais difíceis e áridos.

Mantivemos o compromisso firmado, através dos documentos solicitados pelo Comitê de Ética em Pesquisa, de resguardar a identificação dos alunos participantes da pesquisa. Para tanto, substituímos seus nomes verdadeiros pelos nomes dos personagens da obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), destacados por

aspas. Contudo, essas escolhas foram feitas mediante a importância dessas personagens no decorrer da narrativa.

Apresentaremos o caminho percorrido em todas as etapas da sequência básica e os resultados obtidos, a partir dos objetivos propostos na pesquisa. Por fim, reservamos um espaço para fazer nossas considerações sobre todo o trabalho desenvolvido.

5.1 Início da jornada (duas aulas)

Para darmos início à primeira etapa da nossa sequência básica do letramento literário, tendo em vista nosso problema de pesquisa, nosso objeto de estudo e os objetivos propostos, fizemos o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos acerca da história do município de Ceará-Mirim, abordando aspectos da cultura, economia, geografia, patrimônio material arquitetônico e patrimônio imaterial, através de uma aula expositiva dialogada.

Os alunos demonstraram conhecer alguns pontos relevantes da cultura local, principalmente, em relação a grupos folclóricos como os Caboclinhos, do qual o pai da aluna “Quinotinha” já havia sido integrante. Alguns alunos citaram o nome de grupos de capoeira e de quadrilhas juninas tradicionais da cidade como, por exemplo: a quadrilha junina “lumiá”, bem representativa na cultura de Ceará-Mirim e presente em diversas apresentações culturais em outros municípios.

Os alunos fizeram menção à pouca valorização do poder público em relação a restauração de alguns símbolos da cultura da cidade. Citaram o descaso com espaços públicos localizados bem no centro da cidade. E ainda questionaram o porquê dessa situação.

Percebemos então que havia uma percepção inicial dos alunos acerca das manifestações e dos espaços culturais do nosso município, ou seja, a partir dos questionamentos e das trocas de experiências e vivências dos próprios alunos, outras questões foram surgindo e postas em discussão.

Sobre a economia do município, os alunos citaram o comércio e a prestação de serviços como principais fontes de geração de emprego e renda. Alguns citaram o desenvolvimento de atividades agrícolas como plantio de banana, macaxeira e hortaliças como fonte de geração de renda de algumas famílias.

O cultivo da cana-de-açúcar foi citado como uma atividade econômica que já não possui tanta expressividade como em outras épocas. Poucos alunos fizeram

referências a familiares que já trabalharam e tiveram seu sustento a partir dessa atividade. Alguns deles citaram o nome de uma indústria que fabrica álcool e outros derivados da cana-de-açúcar, localizada no município de Pureza/RN, que emprega um número considerável de pessoas da cidade de Ceará-Mirim. E que tem como atividade principal a produção do álcool, advindo da cana-de-açúcar.

Novamente surgiram questões intrigantes sobre o contexto do município, tais como: por que as principais atividades econômicas da cidade estavam relacionadas à agricultura, o comércio e a prestação de serviço? Por que a cidade era considerada cidade dormitório e não era tão desenvolvida?

Nossas observações nesse momento recaíram sobre os aspectos históricos, culturais e sociais das principais atividades econômicas do município e a busca da explicação dessas características econômicas que fazem parte da constituição do povo cearamirinense.

Em relação à geografia do município, os alunos citaram nomes de ruas como a Presidente Café Filho (popularmente Rua da Estação ou da Balaustrada); Heráclito Vilar (antiga Rua Aurora), Avenida Enéas Cavalcante (Rua principal) e Rua Rodolfo Garcia. Demonstraram conhecer alguns distritos do município, mas a maioria apenas pelo nome. Os distritos que os alunos conheciam estavam relacionados à sua própria moradia, apesar de a maioria deles morarem na zona urbana do município. Ou por se tratar da localidade onde reside algum parente ou amigo.

Os alunos citaram o nome das praias cearamirinsenses: Jacumã, Muriú e Porto Mirim e a Lagoa de Jacumã, como sendo cartões postais do litoral da cidade. Relataram visitas feitas por eles e familiares a esses pontos turísticos em momentos de lazer e descanso. Nesse momento, alguns alunos também tiveram o conhecimento sobre as praias que realmente pertencem a litoral da nossa cidade.

Alguns alunos fizeram menção ao roteiro dos engenhos e relataram algumas experiências de visitas escolares a esses espaços. A aluna Tetê citou sua participação em um projeto em que ela visitou alguns pontos da cidade de Ceará-Mirim, inclusive a Biblioteca Pública Municipal Dr. José Pacheco Dantas, escrevendo relatos de viagem e outros gêneros sobre a história do município.

O aspecto que os alunos demonstraram ter maior conhecimento foi sobre o patrimônio material arquitetônico da cidade e de algumas regiões da zona rural do município. Dentre os monumentos, destacaram-se: o Solar Antunes (atual sede da

Prefeitura Municipal), o Mercado Público, a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, a Praça Barão de Ceará-Mirim, as ruínas da Usina Ilha Bela, as ruínas da casa grande do Engenho Umburanas, a casa grande do Engenho Trigueiro (em bom estado de conservação), o Engenho Verde Nasce (em bom estado de conservação), as ruínas da casa grande do Engenho Cruzeiro, as ruínas da casa grande e do Engenho Oiteiro e o Engenho Mucuripe (em bom estado de conservação).

Contudo, a partir dessa atividade, constatamos que as referências espaciais dos alunos se constituíam de leituras e pesquisas feitas durante toda sua trajetória. Poucos eram os alunos que realmente já tinham estado nesses espaços ou nos locais onde se situam importantes monumentos históricos citados por eles mesmos.

Após trabalharmos essas temáticas em duas aulas seguidas, construímos um painel em que foram registradas imagens que sintetizaram nosso levantamento de conhecimentos prévios e foi utilizado como instigador de curiosidade sobre a história do município e do povo cearamirinense.

A partir dessa atividade, os alunos compreenderam um pouco mais sobre o lugar em que vivem e os elementos que compõem o contexto sociocultural dessas vivências. Teve destaque no painel a presença do Solar Antunes, o Mercado Público, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a fotografia de Magdalena Antunes, os cortadores de cana-de-açúcar, ruínas do Engenho Oiteiro.

Figura 6 - Painel nossa história



Fonte: Acervo da pesquisa

Durante a elaboração do painel, tivemos que organizar a turma em três grandes grupos: um estava trabalhando efetivamente com a elaboração do painel e o outro grupo se envolveu mais com a organização das informações e o outro grupo estava mais preocupado com a elaboração das legendas que seriam mais importantes para constar no referido painel.

O título dado ao painel teve como justificativa a percepção dos alunos sobre o seu pertencimento e o protagonismo na história do município. Eles também expuseram que muitas pessoas deveriam conhecer mais e melhor a história do município porque também é a nossa história.

Os alunos também destacaram que, seus pais lhes contavam algumas curiosidades e histórias vivenciadas há alguns anos e tinham ligação com aqueles lugares e espaços que estavam presentes no painel construído por eles em sala de aula.

Percebemos então que pelos relatos dos alunos estavam se entrelaçando as memórias e as vivências de duas gerações distintas, mas, originárias da mesma vertente cultural e social. Além disso, havia também a conexão de narrativas entre diferentes classes sociais.

5.1.1 Apresentando a Obra (quatro aulas)

A etapa da introdução foi desenvolvida em quatro aulas, nas primeiras duas aulas, organizamos uma pequena exposição em sala de aula com obras e autores diversos. Todavia, trouxemos obras literárias que retratavam ou mencionavam o município de Ceará-Mirim na sua dimensão cultural, religiosa, econômica, social e geográfica.

Para que o nosso problema de pesquisa fosse resolvido e os objetivos de pesquisa fossem alcançados era preciso que os alunos conhecessem um pouco da nossa produção literária, isto é, obras e autores que através de sua escrita pudessem fazer com que os alunos ampliassem sua percepção sobre o seu protagonismo no contexto sociocultural em que estão inseridos.

Levamos para a sala de aula algumas obras, tais como: *O Mistério do Verde Nasce* (2018), de Ana Cláudia Trigueiro de Lucena; *Crônicas Sensoriais* (2009) e *Contos da Nossa Terra* (2004), de Francisco Martins Alves Neto; *Lugar de Estórias* (1998), de Bartolomeu Correia de Melo; *Lembrança de Edgar Barbosa* (1978), de Nilo Pereira; *Mucuripe – o mundo encantado de Ruy Antunes Pereira* (1995), de Denise Pereira Gaspar; e *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), de Magdalena Antunes.

Figura 7 - Exposição de obras literárias



Fonte: Acervo da pesquisa

A partir de uma breve explanação sobre o enfoque temático de cada uma das obras, bem como, aspectos da vida de seus autores, os alunos ficaram curiosos em conhecer a obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003). Fizemos, então, uma contextualização da obra com o período histórico do final do século XIX e início do século XX em Ceará-Mirim. Além disso, frisamos que, tal obra trazia consigo a escrita autobiográfica como forma de retratar não apenas a vida da autora, mas, questões socioculturais e econômicas que abrangiam a realidade local e global da época narrada.

Os alunos manusearam o livro e fizeram alguns questionamentos sobre os títulos de alguns capítulos que lhes eram bem familiares, tais como: As lendas, A feira, Ceará-Mirim e O engenho sem escravos. Essas expressões faziam com que eles expressassem certa afinidade com o conteúdo daquela obra que ainda nem conheciam.

Enfatizamos que havia várias narrativas que se intercruzavam com a história de vida da autora. E que algumas temáticas atuais poderiam ser melhor compreendidas a partir de alguns relatos presentes na obra. Entretanto, a reação e o interesse dos alunos oscilaram entre a curiosidade investigativa e a extensão da obra, visto que, a obra tem 330 páginas, distribuídas em 27 capítulos.

Surgiram então alguns questionamentos a respeito da forma de: Como seriam lidas todas aquelas páginas e capítulos? Qual o tempo necessário para realização dessa tarefa? Quais seriam as atividades realizadas e qual a pontuação atribuída a tais tarefas?

Todas essas inquietações foram levadas em consideração e prontamente respondidas. Nossa compreensão acerca dessas preocupações dos alunos tinha respaldo nas reflexões teóricas que fizemos durante a elaboração e o planejamento das atividades.

Sobre a extensão da obra em número de páginas e capítulos, esclarecemos aos alunos que teríamos momentos de leitura coletiva, leitura em grupos e leitura individual. O tempo destinado a essas leituras seria dividido em momentos na sala de aula e para além do espaço escolar.

Os dois últimos questionamentos tinham a ver com a tradicional forma de condução de atividades com obras literárias, ou seja, os alunos já esperavam questionários e fichas de leituras sobre a obra e ao final da correção dessas atividades a atribuição de uma nota.

Nosso posicionamento sobre essa questão foi que iriam desenvolver atividades de leitura em que, mais importante que atribuição de notas, através do preenchimento de questionários e fichas de leitura, seria as discussões e a proposição de atividades de leitura e escrita, baseadas na análise e interpretação individual e coletiva da obra.

Durante essa etapa da pesquisa tivemos alguns contratempos que adiaram um pouco a realização de algumas atividades. Nossas cinco aulas de língua portuguesa eram concentradas em dois dias da semana, assim distribuídas: duas aulas na terça-feira e três aulas na quarta-feira. Dessa forma, muitos eventos ocorreram nesses dias da semana, comprometendo nosso calendário de execução de algumas atividades.

Destacamos alguns eventos que ocorreram durante o período planejado para execução das atividades da nossa pesquisa: paralisações nacionais, municipais, análise e escolha de livros didáticos na rede municipal de ensino e motivos relacionados a assuntos de natureza mais interna e particular da escola.

Nesse sentido, o cronograma de atividades e das aulas previstas para essa etapa da sequência básica precisou ser alterado algumas vezes. Dessa maneira, para que a turma se mantivesse motivada e participativa, fizemos a reorganização de algumas atividades.

Ainda na etapa da introdução, realizamos uma aula vivencial com destino à comunidade de Massangana, zona rural de Ceará-Mirim. Nosso objetivo foi assistir a uma peça teatral sobre a obra *Oiteiro*, encenada pelos alunos da Escola Municipal

Professora Maria Ester Paiva. Foi mais uma forma de possibilitar o contato dos alunos com a obra.

O planejamento dessa aula foi uma estratégia para ampliar ainda mais a motivação dos alunos em ler a obra *Oiteiro* na íntegra. Além disso, possibilitou o intercâmbio entre alunos de escolas municipais bem distintas: a nossa localizada na zona urbana do município e a outra na zona rural, com realidades socioculturais e públicos bem distintos.

No dia anterior, porém, informamos apenas que os alunos iriam participar de uma aula vivencial referente à obra *Oiteiro*, da escritora Magdalena Antunes. Alguns alunos ficaram bastante ansiosos e entusiasmados com a possibilidade de saírem um pouco da rotina diária e terem contato com jovens de outra comunidade.

No dia da aula vivencial os alunos estavam muito ansiosos pela chegada do ônibus escolar que iria leva-los para a comunidade de Massangana. Entretanto, ao mesmo tempo, um grupo de aproximadamente dez alunos estava preocupado com um aluno que aparentemente não estava se sentindo bem e estava isolado do restante do grupo.

Tivemos uma breve conversa e o aluno alegou que se tratava de um assunto familiar, mas que isso não o impediria de participar daquela atividade. Aguardamos aproximadamente uma hora até a chegada do ônibus e na hora da partida quatro alunos informaram que não iriam participar devido a problemas com enjoos em viagens de ônibus.

Essa situação de alguns alunos não poder participar de algumas atividades já estava prevista e devidamente esclarecida aos pais dos alunos, mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), documentos que foram assinados pelos responsáveis legais e pelos alunos, autorizando a participação na pesquisa. Atendendo a essa especificidade, resolvemos que estes alunos iriam ficar na escola, sob os cuidados da orientadora educacional e a direção escolar.

Antes de entrarmos no ônibus, tivemos uma rápida explanação sobre a importância da participação, envolvimento e compreensão da verdadeira finalidade daquela aula. Ainda nesse momento, os alunos foram informados que o grupo que iria fazer a encenação teatral estava com muita dificuldade de organizar a apresentação devido à ausência do figurino.

No dia anterior a professora responsável pelos ensaios e organização da peça havia adoecido e não tinha conseguido estabelecer contato com a maioria dos alunos da turma, impossibilitando-os de organizarem o figurino, pois, grande parte morava em comunidades rurais diferentes e distantes de Massangana, onde fica localizada a Escola Municipal Professora Maria Ester Paiva.

Fizemos então uma avaliação na turma sobre a concordância ou não de irmos assistir à peça mesmo como esse imprevisto. A turma foi unânime em aceitar o prosseguimento da aula vivencial. Para eles, já estava mais que claro que o mais importante era conhecer os aspectos gerais da obra *Oiteiro*. A ilustração do figurino, segundo eles, seria mais uma questão de embelezamento.

No percurso da turma da Escola Adelle de Oliveira até a Escola Professora Maria Ester Paiva alguns alunos relataram que não conheciam aquele lado da cidade. Alguns deles destacaram que conheciam apenas o perímetro urbano da cidade. Pouquíssimos deles conheciam o litoral do município.

Essa observação nos fez refletir sobre toda a riqueza de descrições de paisagens, tipos humanos, ambientes e espaços presentes na obra *Oiteiro* e a carência de percepção dos alunos a respeito do lugar onde vivem. Além disso, foi possível destacar e relacionar os contrastes entre as paisagens naturais e as paisagens modificadas pela ação do homem, envolvendo o patrimônio arquitetônico local.

Destacamos alguns pontos históricos localizados no roteiro traçado até a comunidade de Massangana. Dentre eles, citamos: o Solar dos Antunes (atual prédio sede da Prefeitura Municipal de Ceará-Mirim); o Mercado Público da cidade; o Sobrado dos Correias; a Biblioteca Pública Municipal Dr. José Pacheco Dantas (comemorando 74 anos de existência em 2019); a linha férrea que percorre o trecho da cidade de Ceará-Mirim até a comunidade de Massangana, passando por mais duas comunidades rurais: Lagoa Grande e Taboão.

Ao chegarmos à Escola Municipal Professora Maria Ester Paiva, tanto os alunos, quanto a professora estavam extremamente tensos, pois não tinham o figurino para a apresentação da peça. Foi então que buscamos tranquiliza-los explicando que já sabíamos dos imprevistos e que estávamos ansiosos para assistirmos a peça na essência de seu conteúdo.

Mais um imprevisto foi relatado pela professora responsável: a apresentação iria acontecer no espaço de uma quadra de esportes coberta, próximo à escola.

Contudo, devido a problemas de falta de energia elétrica tivemos que ficar no pátio da escola. A movimentação era intensa, pois, haviam faltado naquele dia, três professores por motivos de doença e por isso tinham três turmas sem aulas naquele exato momento.

Percebemos que a preocupação da equipe da escola devia-se também ao fato de esses alunos estarem sem aulas e isso poderia causar problemas de organização e distribuição dos alunos que iriam apresentar a peça. O pátio da escola não era coberto e muito próximo a essas salas de aula ociosas. Os alunos que não estavam em aula poderiam comprometer a atenção e a apresentação dos demais alunos, inclusive a nossa turma:

Figura 8 - Peça de teatro sobre o *Oiteiro*



Fonte: Acervo da pesquisa

Organizamos os alunos da nossa turma no pátio da escola e eles atentos acompanharam toda a apresentação. Devido à extensão da obra, a encenação contemplou apenas alguns capítulos, tais como: Reminiscências, O estudo, A partida, O colégio, Tonha e Patuca, O regresso e Fim da jornada.

Durante a encenação, alguns alunos se dispersaram com o movimento das turmas ociosas em torno do local da apresentação. Contudo, a maioria estava atenta à atividade, apesar do calor e de problemas com o equipamento de som utilizado pelos anfitriões.

Após o encerramento da encenação, fomos convidados pela professora responsável, os alunos e a equipe pedagógica da escola para registrarmos aquele momento de integração e intercâmbio pedagógico, através de uma fotografia com todos os alunos da nossa turma e os alunos que encenaram o *Oiteiro*.

Alguns alunos não participaram do registro fotográfico e novamente respeitamos o posicionamento deles, sempre nos reportando às prerrogativas das instruções e orientações contidas nos termos de assentimento já assinados pelos alunos participantes da pesquisa.

Ao retornarmos para a nossa escola ainda no percurso ouvimos os comentários dos alunos acerca daquele momento. Os alunos que se dispersaram um pouco tentavam recuperar algumas partes da encenação questionando os colegas e outros alegavam que não haviam compreendido quase nada.

Já os alunos que apesar das adversidades conseguiram prestar atenção à apresentação, faziam relatos satisfatórios para seus colegas, apontando aspectos positivos relacionados à organização das partes em que foi dividida a encenação, a boa atuação de alguns alunos, a utilização de materiais práticos tanto na ornamentação do espaço quanto na confecção de alguns acessórios utilizados na atividade.

Em sala de aula, abrimos espaço para que todos expusessem suas impressões, dúvidas e curiosidades sobre a maneira como havia sido feita a encenação do *Oiteiro*. Basicamente, os alunos expuseram as mesmas questões observadas durante o trajeto de volta à escola Adelle de Oliveira.

A partir dos registros que fizemos em sala de aula sobre os comentários dos alunos acerca da aula vivencial e todos os questionamentos anteriores, planejamos como seria feita a leitura da obra em sala de aula e em outros espaços.

Planejamos então entrar em contato com a A. S. Editores para conseguirmos a doação ou adquirirmos 50 exemplares da obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça (2003)*. Contudo, devido a reedição da obra ter sido feita há 16 anos, não conseguimos localizar a referida editora. Sendo assim, optamos por trabalhar a leitura da obra em sala de aula.

Nessa perspectiva, nosso maior desafio seria trabalhar a obra literária *Oiteiro* na íntegra em sala de aula conciliando-a com o tempo de aulas estabelecidos no nosso programa de ensino e ainda sob o risco das situações inusitadas e os imprevistos que já vinham comprometendo o desenvolvimento de nossas atividades.

5.1.2 Viagem nas páginas do *Oiteiro* (quatro aulas)

Iniciamos a leitura da obra de maneira coletiva, devido ao tempo de aula, fizemos a leitura apenas do primeiro capítulo da obra intitulado “Reminiscências”. É

um capítulo pequeno, mas bastante rico em descrições e possui uma linguagem conotativa e poética presentes em muitos trechos. A princípio, os alunos fizeram uma leitura mais voltada para a decifração de algumas palavras e expressões e sempre que encontravam alguma dificuldade perguntavam o significado de uma ou outra palavra.

No início do capítulo, os alunos já atentaram para a expressão “No outono da vida, recordar a infância é abrir pontos de luz na estrada abandonada do passado.” (ANTUNES, 2003, p. 29). As reflexões giraram em torno da relação entre a palavra “outono” e “vida”. E ainda “pontos de luz” e “estrada abandonada do passado”. Essas palavras e expressões iniciam a obra *Oiteiro* não por acaso e alguns alunos traduziram essa passagem inicial como sendo uma forma utilizada pela autora de dizer que recordar a infância de uma fase mais adulta é como voltar num tempo já bem distante e esquecido.

Já numa segunda leitura, os alunos perceberam que o primeiro capítulo da obra tratava da descrição dos jardins da casa grande do engenho Oiteiro e Magdalena Antunes descrevia com muita emoção e sensibilidade as lembranças que tinha da figura de seu pai. Perceberam ainda que, se tratava de uma escrita autobiográfica marcada pelas memórias apenas do contexto familiar.

Fizemos alguns questionamentos aos alunos sobre a percepção que eles tinham sobre eles mesmos e sobre os colegas de sala de aula, nosso contexto mais imediato. Alguns alunos fizeram observações superficiais e outros ficaram em silêncio. Então, propusemos a seguinte atividade: os alunos iriam formar duplas e em seguida cada um deles iria descrever seu colega de sala de aula, física e psicologicamente num pequeno texto descritivo. Em seguida, as duplas foram convidadas a se apresentarem para o restante da turma.

A movimentação foi intensa. A maioria dos alunos não queria apresentar o texto sobre o colega, segundo eles, por terem vergonha de apresentar trabalhos ou atividades para o grande grupo. Nesse momento, fizemos algumas provocações e motivações para que todos viessem. Contudo, respeitamos a vontade dos alunos.

Dentre as questões mais curiosas, tivemos casos em que um componente da dupla gostaria de apresentar seu texto, mas o colega tinha vergonha. Foi então que sugerimos que um colega convencesse o outro a vir. O clima na sala de aula ficou bastante descontraído. Os alunos faziam descrição objetiva, mas as descrições subjetivas acentuaram bastante a visão que tinham do colega de dupla. Ao final da

atividade, apenas duas duplas não se apresentaram. E todos que participaram se sentiram bastante empolgados e satisfeitos.

Destacamos ainda, que assim acontece nos contextos sociais em que estamos inseridos, somos descritos objetiva e subjetivamente, a partir da ótica do outro. Essa abordagem provocou uma excelente reflexão e fez com que os alunos entendessem que somos parte indissociável de uma cultura e de um grupo social mais amplo. Somos avaliados constantemente no trabalho, na escola e nos grupos sociais aos quais pertencemos.

A leitura do primeiro capítulo da obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça (2003)* ainda rendeu outra atividade, envolvendo a abordagem da percepção social do sujeito. Nela, os alunos foram solicitados a produzirem um texto autobiográfico escrito em que estivessem registrados aspectos que eles julgassem relevantes no contexto familiar e social.

Surgiu então a proposição do aluno “Martinho” com outra forma de elaboração do texto autobiográfico, a gravação de um vídeo com a duração de um minuto e meio ou dois minutos em que os alunos que se sentissem à vontade e tivessem mais familiaridade com as tecnologias pudessem se autodescrever falar um pouco de sua vida pessoal, familiar, escolar e social de modo geral. Dos 47 alunos que compunham a turma, 22 deles produziram os vídeos autobiográficos, os demais optaram pelo texto escrito.

Mesmo os alunos que se consideravam familiarizados com as tecnologias ficaram bastante nervosos e apreensivos ao se autodescreverem. Alguns deles tinham até certa desenvoltura na gravação do vídeo, porém, demonstraram a dificuldade em falar sobre si mesmo e aspectos relacionados ao seu cotidiano familiar e escolar.

Alguns desses vídeos foram produzidos várias vezes até chegar a sua última versão e seus autores não quiseram disponibilizar para que os demais alunos da sala de aula pudessem assistir-los. Notamos que o problema não era produzir o vídeo ou o texto escrito, na verdade a preocupação maior era o julgamento do outro sobre o que eles falariam ou escreveriam sobre si mesmos.

Tivemos vídeos que foram gravados nas próprias casas dos alunos. Outros foram gravados em espaços públicos das comunidades onde residiam. Alguns alunos fizeram edições de vídeos com recortes e trilhas sonoras escolhidas por eles próprios.

O objetivo dessa atividade foi fazer com que os alunos compreendessem a importância da percepção social, a partir do seu próprio discurso, do papel social que desempenhamos nos contextos reais de interação. Dessa forma, podemos perceber que a nossa história individual se integra na história de várias outras pessoas.

Alguns alunos optaram por falar da sua vida familiar como, por exemplo: quantidade de irmãos, a rotina deles quando estavam em casa, os animais de estimação e o carinho e admiração por determinados parentes como tio, tia, avô, avó, primos, etc.

Outros falaram sobre questões mais sociais, seus sonhos, profissões almeçadas por eles, a rotina com os colegas de turma e amigos durante o período em que não estavam na escola, a descrição da comunidade em que moravam e suas principais características econômicas e culturais.

Na realização dessa atividade tivemos o cuidado de preservar a privacidade dos alunos, conforme nos comprometemos através da assinatura dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), celebrados com os alunos, seus pais e/ou responsáveis, substituindo os nomes reais dos alunos por pseudônimos.

Esses pseudônimos estavam relacionados a alguns personagens presentes na obra *Oiteiro*. A escolha foi feita em conjunto com os alunos, depois de destacarmos o papel de cada personagem na narrativa.

Devido ao grande número de alunos que compõem nossa turma, resolvemos apresentar a produção escrita de textos autobiográficos de apenas alguns deles. Contudo, ressaltamos que todos os 47 alunos produziram textos e dessa forma, atingimos nosso objetivo de aluno, ao mesmo tempo, alcançamos um dos nossos objetivos de pesquisa.

Selecionamos a seguir o texto da aluna “Cosma” para ilustrar como uma produção de escrita autobiográfica pode entrelaçar uma experiência individual com experiências coletivas diversas. Trata-se de uma memória da infância em que a referida aluna recorda suas dificuldades na escola e a motivação e o carinho que recebia de sua primeira professora.

Figura 9 - Texto produzido pela aluna "sinhá Cosma"

Recordação

Raixão pela leitura
 Em livros devorados
 Sonhos naufragados
 Na frustração da dorura.

Dexei-me guiar
 Por minha "tia" querida
 Mostrou-me o sentido da vida
 Numa literatura mais que utrelari.

Seu rosto não me recordo
 Mas lembro do seu jeito de ensinar
 Com os olhos sempre a trabalhar
 É a visão quando avisto.

Foi na biblioteca
 Que me mostrou verdadeiro consolo.
 Histórias de infâncias e muitos tolos,
 Deixaram meu coração em dissetea.

Apreendi, pequenina
 A viajar sem sair do lugar
 Conhecer o mundo, imaginar
 Sendo apenas uma menina.

Fonte: Acervo da pesquisa

Essa atividade foi bastante motivadora para a produção escrita dos demais alunos. Depois que a aluna "Cosma" leu seu texto, vários alunos recordaram de momentos escolares semelhantes e marcantes em suas memórias.

Observamos ainda a importância das interações e intervenções que nós, professores, fazemos com os nossos alunos durante o processo de ensino e

aprendizagem e quais os impactos positivos ou não que isso poderá ter na formação pessoal, social e humana dos sujeitos.

Assim, a partir dessa produção de texto, os alunos perceberam que podem coexistir nos textos autobiográficos e memorialísticos aspectos individuais que se associam a aspectos coletivos de um grupo social.

No que se refere à produção audiovisual de textos autobiográficos, o resultado dessa produção foi bem mais abrangente. À princípio, alguns alunos gravaram vídeos autobiográficos com duração de um minuto e meio a dois minutos em que se apresentavam de um modo geral: nome, onde estudavam, o que gostavam de fazer em casa, sonhos, etc.

No quadro a seguir, apresentamos a transcrição escrita de alguns dos vídeos autobiográficos produzidos pelos alunos. Neles, são enfatizados aspectos considerados individuais, mas que estão intimamente relacionados com contextos sociais mais amplos.

QUADRO 1 - Transcrição dos textos audiovisuais produzidos pelos alunos

<p>Vídeo 1 (Aluno “Zé Praieiro”)</p>	<p>Olá, boa tarde, meu nome é “Zé Praieiro”. Sou cearamirinense, com muito orgulho, com muito amor. Tenho 15 anos e eu levo a vida de um garoto normal: acordo, vou pra escola, chego da escola, fico em casa sem nada pra fazer, passo a tarde todinha sem nada pra fazer. Sou um garoto focado nos meus estudos. Tenho grandes objetivos. Tenho vontade de ir pra IFRN e avançar e avançar e avançar... Eu vivo numa família normal, digamos, meus pais não são separados. Sou filho único em casa e eu sou arrodado de colegas tanto na escola como na rua, como em alguns cantos que eu vou, colegas bem legais, bem amigos mesmo, considero até irmãos e, é só isso.</p>
	<p>Eu sou “Manuel Binga”, tenho 14 anos e eu moro num interior aqui da pista de Touros. É um lugar bem tranquilo,</p>

<p>Vídeo 2 (Aluno “Manuel Binga”)</p>	<p>bem calmo, é um interior mesmo, num tem pista, é tipo é um mega interior, e tipo é muito tranquilo, tem de tudo. Aqui, nós temos torre eólica, temos umas 8 ali no caminho de Touros e... Eu costumo treinar bastante, treino capoeira há um bom tempo e por ser um interior você pode tá ouvindo esse barulho de pássaro, eles não param! Não, mas é bem isso, e... Eu costumo treinar das sete às nove e meia, até um pouco bem mais tarde às vezes e... É aqui onde eu moro têm dois cachorros uma fêmea e um macho e eu vou dizer os nomes: um é dog e o outro é piaba. O dog foi um cachorro que eu escolhi e eu botei o nome e o outro, a fêmea, foi meu padrasto que trouxe aí já tava grande e já tinha nome, então não teve muito que fazer, então é esses dois cachorros que eu tenho.</p>
<p>Vídeo 3 (Aluna “Zefinha”)</p>	<p>Olá! Eu me chamo “Zefinha”, tenho 15 anos e assim, eu vou falar um pouco sobre mim... Sou uma pessoa alegre, divertida, chata às vezes, um pouco ignorante, estressada, muito estressada, é... Eu moro com minha mãe, meus pais são separados e tenho 2 irmãos, só que eles moram com meu pai. E... Tenho uma cachorrinha que é minha... Que é minha companhia porque como minha mãe trabalha o dia todo eu fico mais só em casa... Só não, porque tem Deus e a cachorra, mas é... e... Eu gosto muito de ler e assim de estudar também né? Claro! Só não gosto muito de tentar aprender Matemática porque foge, sabe, eu não consigo, só falto chorar e... É isso.</p>
	<p>Oi, meu nome é “Mãezinha”, eu tenho 15 anos e... eu vou falar um pouquinho sobre mim. Minha infância foi boa. Eu me diverti bastante com meus primos na casa dos meus</p>

<p>Vídeo 4 (Aluna “Mãezinha”)</p>	<p>avós. Fui uma criança bastante feliz. É claro! Perdi entes queridos, mas todo mundo perde, né! Agora, eu moro com minha mãe, meu irmão, minha cunhada, meu sobrinho que tá pra chegar, eu vou ser titia, tô muito animada com isso. Bom, uma coisa que eu gosto de fazer é dançar, isso me traz um sentimento bom de alegria, eu sempre gosto de dançar, tô sempre dançando em tudo que é canto, eu sou uma pessoa um pouco chata é claro, todo mundo é, eu gosto de me divertir com meus amigos, isso me faz bem, me faz uma pessoa, sei lá, eu gosto, só isso e... é isso, essa sou eu, beijo!</p>
---------------------------------------	---

Fonte: Acervo da pesquisa

Nas transcrições dos textos audiovisuais é possível observar aspectos bastante relevantes para nossa pesquisa como, por exemplo, no texto do aluno “Manuel Binga” em que ele revela que faz parte de um grupo de capoeira da comunidade onde ele mora algo. Intimamente ligado a uma manifestação cultural local e ao mesmo tempo global.

Já no texto dos demais alunos percebemos características sociais mais gerais como, por exemplo, a realidade de muitos jovens que são filhos de pais separados, pertencem a grupos distintos e se autodefinem de forma um pouco confusa e contraditória.

Após a realização dessa atividade, avançamos no sentido de pensar em estratégias para garantir a leitura da obra *Oiteiro* em sala de aula, fizemos a divisão de grupos de modo que todos os capítulos fossem lidos por todos os alunos. Articulamos o rodízio dos capítulos entre os grupos para que lêssemos os 13 primeiros capítulos e fizéssemos uma discussão sobre as temáticas abordadas.

Utilizamos os espaços da sala de aula e o pátio da escola para possibilitar que a leitura fosse feita de maneira mais espontânea possível. Contudo, os alunos compreenderam que tínhamos uma delimitação de espaço devido ao tamanho da escola e que tínhamos a questão do tempo de aula disponível.

Nesse momento observamos diversas situações motivadoras de leitura. A primeira delas foi em relação à ambientação, ou seja, não adianta apenas propor a

atividade de leitura, é preciso pensar em que condições ela será realizada, de acordo com a atividade planejada e os espaços disponíveis.

Outro aspecto bastante pertinente, ter a ver com a necessidade que os alunos da turma têm de buscar uma melhor maneira de ler sem que isso prejudique a sua compreensão nem concentração em relação à atividade que estava sendo proposta. Dessa maneira, devemos estar atentos a forma como os alunos se dispõem para os momentos de leitura. Alguns preferem um local reservado, outros, em grupos, e ainda, há aqueles que leem ouvindo música.

Nesse sentido, ouvir as sugestões dos alunos, principalmente quando se refere a uma melhor ambientação para a realização da leitura de um texto ou de uma obra, também é constituir uma importante possibilidade de fomentar a autonomia e o protagonismo dos alunos na sua própria aprendizagem. Além disso, destaca a importância da flexibilização das atividades planejadas.

Durante esse momento, realizamos algumas fotografias que registraram essas situações durante o processo de leitura. Além disso, enfatizamos que o perfil e a quantidade de alunos que compõem a turma condizem com essa necessidade de mobilidade e flexibilidade não apenas nas atividades de leitura, mas em tantas outras.

Figura 10 - Momentos de leitura da Obra Oiteiro



Fonte: Acervo da pesquisa

Essa estratégia foi utilizada com sucesso devido ao fato de os alunos já terem assistido a peça encenada pelos alunos da Escola Municipal Maria Ester Paiva. Fizemos uma revisão por partes do que foi apresentado pelos alunos daquela escola. Discutimos os capítulos lidos, comparando-os com a forma como foram encenados. Contudo, o tempo de aula tornou-se insuficiente para concluirmos as discussões acerca desses 13 primeiros capítulos.

Após essas duas aulas em que iniciamos a leitura da obra *Oiteiro*, tivemos uma pausa nas aulas por um período de duas semanas devido aos jogos internos da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira. Sendo assim, tivemos que reorganizar novamente nosso calendário de execução de atividades da pesquisa.

Para as aulas seguintes, devido aos contratempos ocorridos e a quebra da continuidade da leitura da obra, tivemos que fazer uma negociação de horários. Com a devida antecedência, articulamos com o professor de educação física para, além nossos dois horários da terça-feira, utilizarmos uma aula sua para fins de conclusão de atividades dessa etapa. Todavia, nos comprometemos a conceder um horário de aula de língua portuguesa para que o professor de educação física não tivesse o seu planejamento de aulas comprometido.

Após as duas semanas de jogos escolares, fizemos um breve intervalo de leitura em que tivemos a oportunidade de ouvir as dificuldades e as sugestões dos alunos sobre o andamento da leitura da obra. Para tanto, pedimos para que os alunos fizessem oralmente um breve resumo do que já havia lido nas aulas anteriores e que merecia ser lembrado naquele momento.

Nesse momento, os alunos decidiram que seria melhor que refizéssemos a leitura de alguns capítulos e que se possível retomássemos algumas falas e citações feitas sobre a vida e obra de Magdalena Antunes. Essa sugestão foi de extrema importância para sentirmos o envolvimento e o interesse dos alunos pela obra.

A cada grupo que apresentava seu resumo sobre o capítulo lido, percebíamos que havia sido feita uma leitura minuciosa de cada parte. Observamos que quase todas as duplas destacaram a temática principal do seu capítulo. Entretanto, algumas fizeram apenas menções superficiais e demonstraram não terem feito a releitura efetivamente.

Nosso propósito era que essa atividade já permitisse uma visão geral da vida e obra de Magdalena Antunes no contexto da cidade de Ceará-Mirim no final do século XIX e início do século XX, a partir da sua escrita autobiográfica e memorialística. Apesar de essa ser a nossa principal intenção, durante as apresentações foram surgindo diversas outras questões. Algumas temáticas ganharam maior visibilidade ou chamaram mais a atenção dos alunos. Resolvemos, então, ficar atentos ao que estava sendo mais pertinente para aquela leitura feita pelos alunos.

Dentre as questões levantadas, podemos destacar a curiosidade dos alunos em entender a relação entre Magdalena Antunes e as escravas Tonha e Patica. O grupo que tinha ficado responsável pela leitura do capítulo 5, intitulado “Tonha e Patica”, fez uma explanação sobre quem eram e o que representavam essas duas escravas para Magdalena Antunes. Segundo os componentes do grupo, Patica era uma escrava já adulta, com mais ou menos 30 anos, que contava histórias e cuidava de Magdalena Antunes e dos irmãos. Tonha era mais ou menos da mesma idade de Magdalena e companheira em momentos de brincadeira.

Nesse momento, entrou em discussão na sala de aula a temática da escravidão no Brasil. Alguns alunos questionaram o fato de Magdalena Antunes tratar duas escravas praticamente como parentes, uma espécie de “tia” e “irmã”, sendo que a realidade da escravidão do negro no Brasil tinha sido marcada por muito sofrimento e dor.

Antes que enveredássemos por questões envolvendo o período histórico relatado por Magdalena Antunes, o aluno “Martinho” iniciou sua fala sobre a escravidão, abordando os movimentos de resistência dos negros. Por fazer parte de um grupo local de capoeira, ele fez uma explanação sobre a origem e história da capoeira no Brasil.

O aluno “Martinho” começou citando que a capoeira era de origem afro-brasileira e que era interpretada pelos senhores de engenho como uma dança dos escravos, mas que na verdade era utilizada pelos negros como uma forma de defesa em um possível confronto ou nos momentos de fuga e perseguição.

Na sua explanação, ele citou o nome do Mestre Bimba como sendo uma das maiores representações da capoeira no Brasil e citou que três dos cinco professores de capoeira que integram seu grupo estavam desenvolvendo projetos de divulgação da capoeira em países como Finlândia, Suécia e Suíça, onde, segundo o aluno, a capoeira é bem mais valorizada que no Brasil.

Para encerrar sua explicação os colegas de sala de aula pediram para que ele fizesse uma pequena demonstração de como se praticava a capoeira. A princípio, ele ficou intimidado e hesitou um pouco, mas devido à insistência da turma, ele fez um momento interativo em sala de aula, convidando os alunos que praticavam a capoeira para fazerem parte da demonstração. Foi um momento muito empolgante. Os colegas bateram palmas e entoaram algumas canções próprias da capoeira.

Após essa pequena demonstração, continuamos com a exposição dos demais alunos. Outra questão bem significativa foi o interesse de alguns alunos em saber como poderiam fazer para adquirir a obra *Oiteiro*. A aluna “Tequinhoha” pediu para que ao término das atividades da pesquisa ela pudesse ter acesso à obra por um período bem mais prolongado para, segundo ela, ler a obra com mais calma e mais vezes, pois estava achando muito interessante como a escrita sobre si mesma podia abranger tantas outras questões.

A partir desse pedido, ficamos ainda mais atentos à maneira como a obra estava sendo compreendida e internalizada pelos alunos. Percebemos o quanto é importante pensar em estratégias mais pertinentes de apresentar e envolver os alunos com a essência da obra literária. Ou seja, devemos ir para além da contextualização histórica e organização em capítulos. É preciso mergulharmos no enredo da obra, sentir a emoção e os conflitos vivenciados pelas personagens.

Esse primeiro intervalo de leitura permitiu que os alunos refletissem sobre o quanto a escrita autobiográfica pode nos ajudar a expressarmos não apenas nossos sentimentos e emoções, mas, a forma como nos relacionamos com os outros que estão ao nosso redor. Contudo, essa forma de escrita é permeada por um contexto sociocultural que imprime sua influência.

Os alunos também perceberam o lugar social de onde Magdalena Antunes fala, ou seja, uma sinhá-moça nascida em uma família aristocrata da cultura canavieira que, ao mesmo tempo, descreve o seu convívio com a elite daquela época, formada por senhores de engenhos, juristas, médicos e políticos e o convívio com as pessoas simples e humildes, algumas tão esquecidas que só não ficaram no anonimato devido à narrativa da escritora.

A partir desse intervalo de leitura, estabelecemos uma relação entre os elementos de maior destaque na obra como a cana-de-açúcar, os engenhos, os escravos, as personalidades mais simples, os barões e os escritores cearamirinsenses com a realidade atual do município.

Sobre a cana-de-açúcar, os alunos destacaram que havia canaviais, mas eles não viam nas terras do município seu cultivo e comercialização dos produtos citados na obra. Alguns poucos alunos tinham ouvido relatos de seus pais e avós já terem trabalhado com essa cultura e que ela já tinha sido muito explorada pelos engenhos e usinas do município até o ano 2000.

Fizemos um breve histórico sobre o surgimento dos engenhos e a chegada das usinas na cidade de Ceará-Mirim: Usina Guanabara, Usina Ilha Bela e Usina São Francisco. Além disso, a partir das informações encontradas em Gomes (2009), explicamos um pouco sobre o declínio dos engenhos em decorrência da modernização e da capacidade de produção das usinas e as consequências sociais, econômicas e culturais que explicam algumas citações sobre a nossa cidade, principalmente, relacionadas às características de setores de emprego como o comércio e o funcionalismo público.

Em se tratando da história de remanescentes escravos no município, citamos a existência da comunidade de Coqueiros, localizada na zona rural, que é reconhecida oficialmente como comunidade quilombola, devido as suas características geográficas, linguísticas e étnicas bem peculiares.

No que se refere aos barões, citamos que só existiram três pessoas que receberam este título no estado do Rio Grande do Norte: uma em São José do Mipibu, uma em Macaíba e uma na cidade de Ceará-Mirim. Ou seja, era uma honraria dada aquelas pessoas que se destacavam por algum feito altamente significativo. No caso de Ceará-Mirim, o senhor Manoel Varela do Nascimento recebeu esse título devido aos relevantes serviços prestados à instrução e o ensino no município de Ceará-Mirim.

Os alunos fizeram ainda uma relação entre o Barão de Ceará-Mirim, Manoel Varela do Nascimento, com um personagem artístico criado por um guia de turismo local para promover alguns aspectos turísticos da cidade. Contudo, essa relação foi feita apenas do ponto de vista de divulgação e promoção cultural do município, através de uma atividade turística.

A importância literária de escritores cearamirinsenses foi citada a partir da produção da própria autora do livro *Oiteiro*, Magdalena Antunes e a relação de parentesco e amizade que esta possuiu com importantes nomes da literatura noroeste-grandense, tais como: o irmão, Juvenal Antunes; o sobrinho, Nilo Pereira; a amiga, Adelle de Oliveira e tantos outros intelectuais que se reuniam no Solar dos Antunes, atual sede da Prefeitura Municipal, para a realização de grandiosos saraus literários.

Em relação aos escritores cearamirinsenses atuais, a aluna “Etelvina” disse que possuía o livro de poesias *Confidências (2015)*, escrito pela professora e poetisa Francisca Maria Bezerra Lopes, e que este livro era um dos seus preferidos. Além

disso, havia entre ele e o *Oiteiro* uma semelhança na forma como as autoras utilizavam a linguagem poética para criar imagens.

A aluna Etelvina estudava na Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira desde o quinto ano do ensino fundamental. Já havia sido a primeira colocada no Prêmio Adelle de Oliveira, concurso de poesia realizado pela Biblioteca Pública Municipal Dr. José Pacheco Dantas, na categoria ensino fundamental anos finais.

Essa atividade permitiu a ampliação da visão sobre o lugar em que os alunos vivem e ainda os fizeram refletir sobre como podemos, através da escrita e da literatura evidenciar aspectos extremamente importantes da nossa cultura utilizando-se da nossa própria história.

Durante a etapa de leitura da obra *Oiteiro*, nossa escola foi contemplada pela Secretaria Municipal de Educação Básica de Ceará-Mirim com cerca de 500 tablets. Esse recurso tecnológico foi destinado para algumas escolas municipais com o propósito de contribuir para o planejamento e execução de atividades pedagógicas mais atrativas e dinâmicas como os alunos de todas as etapas de ensino que as escolas contempladas atendessem.

Figura 11 - A chegada dos tablets.



Fonte: Acervo da pesquisa

Nesse sentido, devido à dificuldade de conseguirmos livros suficientes para todos os alunos, disponibilizamos um arquivo digitalizado da obra *Oiteiro* em 50 tablets da escola, com o intuito de fazer com que os alunos pudessem ter acesso e reler a obra *Oiteiro* na íntegra quantas vezes fossem possíveis na escola, durante as aulas de língua portuguesa ou em momentos em que os alunos estivessem com horários de aula livres ou durante o intervalo.

Essa estratégia nos permitiu envolvê-los na leitura da obra, a partir de um recurso tecnológico que alguns dos alunos têm muita facilidade de manusear. Outro

fator bastante positivo foi que a todo o momento, tivemos o apoio e o auxílio de um aluno estagiário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Rio Grande do Norte – Campus /Ceará-Mirim.

Figura 12 - Utilização dos tablets na leitura da Obra *Oiteiro*



Fonte: Acervo da pesquisa

Nessa perspectiva, a leitura dos 14 capítulos restantes da obra *Oiteiro*, foi bastante potencializada. Com o recurso dos tablets, tivemos a oportunidade de realizar a leitura da obra na íntegra de maneira mais dinâmica, espontânea e flexível, sem deixarmos de realizar nossos momentos de socialização das leituras.

Preparamos, então, para nosso segundo intervalo de leitura que consistiu em uma aula vivencial até a comunidade onde se localizava no passado o engenho *Oiteiro*. Durante o percurso, passamos em diversos locais citados por Magdalena Antunes na obra *Oiteiro*. Convidamos para nos acompanhar nessa aula, o professor e historiador Gerinaldo Moura que prontamente nos atendeu.

Figura 13 - Início da aula vivencial com o professor Gerinaldo



Fonte: Acervo da pesquisa

Iniciamos nosso percurso pela Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, frequentada por Magdalena e seus familiares nas procissões da festa da padroeira. Na sequência, passamos pelas ruínas do engenho Carnaubal, visitamos a casa grande do engenho Guaporé (transformado em museu da cidade e atualmente abandonado). Nesse último espaço, os alunos questionaram o porquê de tanto abandono e descaso daquele prédio tão grande e bonito.

Vale ressaltar que no capítulo 22 da obra *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), Magdalena Antunes utiliza a descrição feita pelo doutor Luís Carlos Wanderley da casa grande do engenho Guaporé para nos mostrar sua beleza e requinte na estrutura física e ornamentação de seus espaços, principalmente em ocasiões especiais, como na recepção do bispo D. José Pereira da Silva Bastos em visita a Ceará-Mirim.

Contudo, ao final do capítulo, passados alguns anos daquele momento marcante na história de Ceará-Mirim, Magdalena Antunes ao entrar pela primeira vez naquela casa se entristece ao ver sua deterioração. Apesar de a autora já citar na obra o processo de depreciação da casa grande do engenho Guaporé, o impacto para os alunos foi bem maior ao presenciarem o real estado da construção nos dias atuais. Surgiram expressões de espanto e indignação com a postura indiferente das autoridades relacionadas à cultura para com tão importante patrimônio arquitetônico local.

Figura 14 - Casa grande do Engenho Guaporé



Fonte: Acervo da pesquisa

Era o momento em que a percepção dos alunos já atingia o sentimento de pertencimento à memória e à cultura cearamirinense. O professor Gerinaldo fez referências a alguns órgãos que tratavam dos assuntos relacionados à preservação e conservação dos patrimônios públicos do município, tais como: a Secretaria

Municipal de Juventude, Esporte, Cultura e Lazer, a Fundação José Augusto e a Fundação Nilo Pereira.

Adentramos no Roteiro dos Engenhos e a cada um que passávamos o professor Gerinaldo fazia a relação com elementos, fatos, situações e nomes citados por Magdalena Antunes. Passamos pelas ruínas da casa grande do engenho Imburanas que pertenceu ao padre Antunes, padrinho de batismo de Magdalena. Ao lado de sua casa, o padre construiu uma capela onde celebrava missas aos domingos e vinham as famílias mais tradicionais e os moradores mais próximos ao engenho.

No caminho, passamos pelas ruínas da casa grande do engenho Verde Nasce. Entretanto, a estrutura desse engenho se mantém bem conservada, apesar de ele não funcionar há mais de 15 anos. Foi nessa propriedade que nasceu o sobrinho de Magdalena Antunes, o escritor Nilo Pereira.

Fizemos uma breve análise das impressões dos alunos acerca daquele momento e sobre as informações que estavam ouvindo e constatamos pelas expressões e pela fala dos alunos que pareciam estar vivenciando simultaneamente o passado e o presente naquela aula.

Finalmente, chegamos à propriedade onde antes se localizava o engenho Oiteiro e os alunos ficaram impressionados com a paisagem que viram. O que havia sobrado do engenho Oiteiro era uma chaminé já bastante coberta pelo matagal. Algumas ruínas de casas que pertenciam àquele engenho.

Figura 15 - Ruínas de casas pertencentes ao Engenho Oiteiro



Fonte: Acervo da pesquisa

Um dos registros mais significativos para os alunos foi o das ruínas do engenho Oiteiro, mais precisamente, da ponta de sua chaminé envolta em um matagal que nos impediu a aproximação. Do local onde os alunos estavam até

aquela chaminé constava de uns 500 metros. Além disso, existia uma cerca de arame farpado delimitando a propriedade da rodovia. Alguns alunos fizeram a comparação do que estavam vendo com a imagem da capa da segunda edição do livro *Oiteiro* e perceberam como é importante a preservação e conservação dos símbolos da história e da cultura de um povo.

Figura 16 - Ruínas da chaminé do Engenho Oiteiro



Fonte: Acervo da pesquisa

No trajeto de volta para a escola, passamos ainda defronte ao Solar dos Antunes. Este, porém, encontrava-se em perfeito estado de conservação, tendo em vista que abriga atualmente a sede da Prefeitura Municipal e que por essa razão não traz consigo a marca do descaso e do abandono constatado nos demais prédios e casarões que visitamos.

Abrimos mais um espaço de intervalo de leitura para acompanharmos as inquietações, as opiniões, as críticas e as sugestões dos alunos a respeito de tudo que já haviam lido sobre a obra e o que eles tinham vivenciado até aquele momento. Diferente do primeiro intervalo de leitura, este segundo foi mais impactante, pois, os alunos não apenas imaginaram os espaços como também, eram descritos. Eles puderam ver como realmente se encontravam e o que hoje representam para a sociedade.

No quadro a seguir, temos alguns dos principais comentários feitos pelos alunos acerca da experiência proporcionada com a aula vivencial. Além de instigar uma reflexão crítica sobre como os espaços públicos e patrimônios arquitetônicos citados na obra *Oiteiro* se encontravam, foi ainda uma oportunidade de fortalecer o sentimento coletivo de pertencimento ao grupo social aos quais esses alunos estão inseridos.

QUADRO 2 - Comentários de alguns alunos sobre a aula vivencial

Comentário 01 Aluna Zefa	“Nossa aula de campo foi bem legal, pois conseguimos visualizar pessoalmente lugares retratados no livro <i>Oiteiro</i> . Pena que nem todos os lugares estavam bem conservados”.
Comentário 02 Aluno Antônio Marcolino	“A aula de campo foi muito proveitosa e interessante. Conheci os engenhos da nossa cidade. Mas, fiquei triste com o descaso das autoridades com o nosso patrimônio cultural.”
Comentário 03 Aluna Tequinha	“A aula passeio para os engenhos foi muito legal, o professor Gerinaldo contou as histórias de cada lugar que visitamos até chegar no engenho Oiteiro”
Comentário 04 Aluno Seu Firmino	“Gostei da aula passeio para os engenhos. Acho legal ouvir histórias de antigamente, pois minha avó sempre me contava histórias de quando ela era criança e eu adorava”.
Comentário 05 Aluna Mãezinha	“Já fazia anos que não ouvia tantas histórias sobre Ceará-Mirim e consegui vivenciar isso através dessa aula de campo com o professor Gerinaldo”.

Fonte: Acervo da pesquisa

Nossa avaliação sobre a aula vivencial foi muito positiva. Os alunos acentuaram a empolgação e o entusiasmo em participar dessa aula, contudo, destacaram a preocupação com o descaso em relação ao patrimônio cultural da

cidade. A esse respeito Cândido (2011) nos lembra de que quando uma produção literária causa algum impacto é porque houve realmente uma fusão entre a mensagem e sua organização, ou seja, a forma de dizer do outro provocou uma reordenação do meu modo de pensar.

Nessa aula fizemos uma análise dos capítulos da obra *Oiteiro* que os alunos consideraram mais relevantes e que poderiam ser compartilhados com outras turmas da escola. Os capítulos selecionados pelos alunos foram: Reminiscências (01), O estudo (02), A partida (03), O colégio (04), Tonha e Patica (05), A libertação (06), As lendas (07), A feira (15), A visita do Oiteiro (16), Ceará-Mirim (20), Retorno definitivo ao lar (21), Meu padrinho (24), O engenho sem escravos (26) e Fim da jornada (27).

A escolha desses capítulos se deu a partir das temáticas abordadas e a relação estabelecida entre a história de vida, as experiências e os conhecimentos de mundo dos alunos. Além disso, através da leitura da obra *Oiteiro*, os alunos se sentiram motivados a também escreverem sobre si e sobre os contextos nos quais estão inseridos.

Surgiu ainda a ideia de produzir ilustrações sobre cada capítulo do livro. O aluno “Seu Cristino” se dispôs a tentar fazer os desenhos. Segundo ele, precisaria de ajuda para melhorar suas ideias iniciais. A aluna “Patrica” também se prontificou a tentar fazer ilustrações de alguns capítulos. Todavia, os contratempos e imprevistos comprometeram essa atividade e apenas algumas ilustrações foram feitas para os referidos capítulos: Reminiscência, O estudo e A feira.

Para encerrar a aula propusemos a produção de um texto que abordasse um fato importante ocorrido na vida dos alunos sobre o qual gostaria de deixar um registro escrito. O objetivo era exercitar a escrita autobiográfica, ancorada à questão da memória. A orientação foi para que os alunos escolhessem uma memória da infância e destacasse sentimentos e emoções provocadas pela recordação.

Tivemos textos sobre várias temáticas: primeiro dia de aula, viagens inesquecíveis, familiares importantes, primeiro amor, amizades verdadeiras e sobre a infância de um modo geral. Alguns alunos se sentiram muito à vontade e outros nem tanto. Alguns tiveram bastante dificuldade para lembrar de algo marcante em sua vida.

Fizemos a retomada desse texto na aula seguinte e as reações foram as mais diversas possíveis. Entretanto, a aluna “Patrica” ficou bastante emocionada ao

relembrar em seu texto a figura do seu avô, já falecido. A emoção que ela sentiu foi muito forte e tivemos que dar uma pausa nos comentários sobre essa produção.

Ao final da aula, já mais calma, a aluna “Patica” contou um pouco dessa história para os colegas de sala de aula. Todas as tardes ela visitava seu avô para ouvir histórias de tempos passados. Eles brincavam, sorriam e partilhavam de várias situações. Ela sempre fazia um resumo de sua rotina diária para ele.

Alguns alunos da turma se emocionaram muito ao ouvir aquele relato, pois, alguns também partilhavam daquele sentimento de saudade de algum parente ou amigo com o qual já não mais conviviam.

5.1.3 O fim da jornada (quatro aulas)

Ao término da leitura da obra é chegado o momento de compartilhar as aprendizagens adquiridas e as reflexões feitas, a partir das novas experiências. Entretanto, não se trata de uma mera formalidade ou evento de exposição de atividades, mas de um momento de construção coletiva de interpretações e sentidos.

Dos 14 capítulos que foram selecionados para uma leitura mais aprofundada, formamos 05 grupos que elegeram algumas possíveis atividades para apresentação na I Feira Cultural da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira. Essa Feira contemplou todas as turmas dos anos finais do ensino fundamental.

A organização e apresentação das atividades da turma do 9º ano levou em consideração a afinidade dos grupos em relação a algumas temáticas. Eles escolheram os capítulos que mais se assemelhava às suas vivências e tinham provocado seus sentimentos e emoções. Como a obra *Oiteiro* trata da escrita autobiográfica e memorialística, todos os grupos produziram textos reais e fizeram questão de assinar sua autoria.

O passo seguinte foi escolher as melhores formas de compartilhar nossos conhecimentos com o público que faria parte da Feira Cultural. Ouvimos as sugestões dos alunos para planejarmos as atividades e os materiais que seriam utilizados. As opções mais votadas foram: recitação, apresentação teatral, apresentação de uma roda de capoeira e leitura dos textos.

Os grupos 01 e 02 preferiram recitar os textos autobiográficos e memorialísticos produzidos em sala de aula. Já os grupos 03 e 04 optaram por fazer

apenas a leitura dos textos produzidos em sala de aula e na entrevista com o professor Gerinaldo Moura. O grupo 05 por sua vez ficou na incumbência de fazer uma apresentação de roda de capoeira, convidando inclusive os componentes de um grupo local de capoeira.

Em se tratando dos textos escritos, o formato poderia ser em prosa ou em versos. Sendo assim, os alunos se dispuseram a virem para a escola no contraturno fazer os ajustes necessários nos textos e assim, ensaiar a melhor estratégia para a apresentação de suas produções.

A aluna “Yayá” sugeriu que selecionássemos trilhas sonoras para cada apresentação e ainda estas músicas poderiam ser remixadas ou híbridas, ou seja, segundo ela, poderíamos começar a recitação ou a leitura de textos, iniciada por uma música e no meio da recitação ou leitura viria outra música mais impactante que a primeira para surpreender principalmente ao público expectador.

Dessa ideia, resolvemos eleger 04 alunos para ficarem responsáveis por essas edições e remixagem de vídeos e áudios. Formamos então um grupo de whatsapp “Sons do *Oiteiro*” para esse fim. A proposta era inicialmente que cada grupo indicasse a música apropriada para sua apresentação. Caberia ao grupo enviar sua música para esses 04 alunos e dizer qual a ideia de formatação cada grupo teria.

O grupo 05 não precisou organizar trilha sonora, pois fariam o som ao vivo com o berimbau, atabaque e pandeiro. Além disso, os componentes do grupo de capoeira poderiam cantar as músicas que tradicionalmente utilizam nas rodas de capoeira.

No grupo de whatsapp criado, os 04 alunos iriam socializar as músicas recebidas e as remixagens feitas, sob a nossa orientação e supervisão. Além disso, haveria a facilidade de comunicação entre os alunos que moram em comunidades bem distantes do município e por essa razão não conseguem se reunir além do horário da escola propriamente dito.

Houve uma interação muito boa entre os 04 alunos participantes. Acompanhamos as discussões e as sugestões que eram apresentadas, bem como, quando havia dificuldade de comunicação entre eles e o restante da turma. Cada um monitorava um grupo diferente e se sentia muito responsável por ele.

Tentamos criar um grupo específico para os alunos que se dispuseram a fazer a ilustração dos capítulos do livro *Oiteiro*. Todavia, não conseguimos êxito.

Criamos o grupo “Imagens do *Oiteiro*”, mas apenas dois dos seis alunos que compunham o grupo se comunicavam efetivamente. Ainda assim, foram criadas três ilustrações baseadas nos capítulos: “Reminiscências, O estudo e A feira”.

Nesta aula continuamos com as orientações para a organização das atividades que seriam apresentadas na Feira Cultural. Fomos a cada um dos grupos para acompanharmos mais de perto as produções de textos e os preparativos necessários para a apresentação da roda de capoeira.

O grupo 01 escolheu o texto da aluna “Patica” sobre as memórias de seu avô. Para tanto, o grupo selecionou e releu os capítulos do livro *Oiteiro* nos quais Magdalena Antunes descreve pessoas importantes em sua vida, principalmente: Tonha e Patica (cap. 05); Quinotinha (cap. 08); Tequinha (cap. 10); A cearense (cap. 11); Seu Cristino (cap. 13); A Madre Portugal (cap. 18) e Meu Padrinho (cap. 24).

Já o grupo 02 escolheu o texto da aluna “Tonha” que retratava a memória de uma fazenda onde ela morou com sua família e lhe trazia muita alegria e saudade. Seu grupo selecionou o capítulo 01, intitulado “Reminiscência”, em que Magdalena descreve a beleza dos jardins da casa grande do engenho Oiteiro. Em vários trechos do livro a autora recorda com muita saudade daquela casa que marcou profundamente sua infância e sua história.

Em relação ao texto escrito do grupo 03, este foi uma memória de uma viagem em família feita por um dos componentes do grupo. Os alunos selecionaram o capítulo 03, “A partida”, e o associou com essa viagem marcante na vida do aluno “Zé Mossoró”.

O texto do grupo 04 não foi baseado em nenhuma memória dos alunos. Porém, foi elaborado a partir dos depoimentos colhidos de pessoas mais idosas e da entrevista com o professor e historiador Gerinaldo Moura. Esses alunos planejaram fazer uma representação da feira livre de Ceará-Mirim, retratada na obra *Oiteiro*, e que existe atualmente num formato bem diferente daquela época.

O grupo 05 planejou a apresentação do seu texto a partir de uma breve explanação sobre a história da capoeira no Brasil e na cidade de Ceará-Mirim e a leitura de um breve resumo sobre o capítulo 05, intitulado “Tonha e Patica”, destacando a importância dessas escravas para Magdalena Antunes no contexto da narrativa. Ao final, o grupo idealizou fazer uma demonstração da capoeira para o público da Feira Cultural.

Neste dia realizamos a nossa I Feira Cultural da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira. Este evento reuniu atividades pedagógicas desenvolvidas também por outros professores em outras turmas. Tivemos atividades do professor de Língua Portuguesa das turmas dos 6º anos, da professora de Ciências das turmas dos 6º e 7º anos, do professor de Geografia das turmas dos 6º, 7º, 8º e 9º anos.

Nossa turma apresentou as atividades planejadas e desenvolvidas durante a sequência básica do letramento literário. Foi um momento muito proveitoso e oportuno de compartilhamento e troca de conhecimentos. A interação com as outras turmas dos anos finais do ensino fundamental possibilitou uma abrangência, ampliação e visibilidade da importância e influência da literatura na percepção social que temos do mundo que nos cerca e das inter-relações entre povos e cultura de gerações distintas.

Em nossa primeira atividade a aluna “Patika” fez a leitura de um texto de uma memória relacionada a uma pessoa muito marcante na sua vida, o avô. A escolha desse texto deveu-se ao fato de que na obra *Oiteiro* Magdalena Antunes retrata muito pertinentemente a presença e a influência do pai na sua vida e a maneira angelical como ele é visto por ela.

No decorrer da obra, a autora destaca várias outras personagens que fazem parte da sociedade cearamirinense daquela época, independentemente de sua condição social. Contudo, são personagens que se destacam por características bem peculiares e que ajudam a constituir um perfil socioeconômico e cultural da época.

Os alunos acharam interessante a maneira como a autora retratou as personagens na obra. Segundo eles, existe a presença de uma linguagem mais formal e de uma linguagem mais informal, de acordo com as características sociais de cada uma das personagens, ou seja, Magdalena Antunes além de descrevê-las, dá voz a algumas delas e essas vozes são reproduzidas na maneira como essas personagens se comunicam e interagem socialmente.

Diante de tantas personagens presentes na obra *Oiteiro*, a maior parte das produções versaram sobre os contextos familiares dos alunos. Tivemos textos voltados para pessoas, lugares e momentos marcantes na memória dos alunos e que foram vivenciados em família. Entretanto, foram estabelecidas várias relações com contextos socioculturais mais amplos, envolvidos nessas narrativas.

O texto de memória produzido e lido pela aluna “Patica” foi referente à convivência que ela tinha com seu avô. O texto foi escrito em duas versões: a primeira, em prosa e descrevia a rotina que aluna tinha todos os dias de visitar seu avô e ouvir suas várias histórias.

Na versão em prosa, o texto narrativo detalhava bem essa rotina diária de contação de histórias. Além disso, a aluna fazia alguns enredos e resumos das principais histórias. Já na segunda versão, escrita em versos, há uma intensidade de sentimentos e emoções muito marcantes. A aluna “Patica” ficou bastante emocionada ao lê-lo e foi preciso alguns minutos para que ela se recuperasse emocionalmente.

Vale ressaltar que este tipo de situação e reação ao produzir um texto autobiográfico e memorialístico com esse grau de subjetividade e sentimentalidade já havia sido previstas e devidamente esclarecidas tanto nos documentos TCLE e TALE assinados por ocasião de protocolo de pesquisa como também os alunos já tinham tido acesso ao planejamento das atividades da pesquisa.

Reforçamos a importância de o pesquisador garantir que em sua pesquisa haja total transparência das atividades a serem planejadas e desenvolvidas no decorrer do trabalho. Além disso, é de fundamental importância que todos os fatores que interfiram diretamente no bem-estar dos participantes sejam prontamente resolvidas.

Esses dois textos foram muito importantes para a nossa avaliação sobre a ampliação da percepção dos alunos sobre a escrita autobiográfica e também sobre o texto de memória. Houve nesses dois momentos uma inter-relação muito significativa entre a maneira como os alunos enxergavam esses tipos de textos, o contato com a obra *Oiteiro* e a percepção atual sobre esse tipo de escrita.

No texto que a seguir, a aluna “Patica” escreveu sobre os momentos vividos com seu avô. As recordações marcaram profundamente a vida da aluna. Todas as tardes, ela e o avô sentavam na calçada e ele contava várias histórias sobre temas diversos.

Figura 17 - Texto produzido pela aluna "Patica"

Tertúlia da Tarde.

Do Amortecer ao Amarte
 Vivenciando histórias e sonhos
 Vivendo e aprendendo
 Com lágrimas ou desgostos

Quisindo e contendo
 Repassando o que foi contado
 Com sentimentos escondidos
 Nas lembranças dos momentos
 Guardadas no tempo

Nos sonhos realizados
 Com sorrisos encantados
 Amadurecimento ágil causado
 Por vós, o que me foi contado

Vilas, vales e estúdios incluídos
 Pessoas deixadas, com memórias eternizadas
 Com um coração tão novo
 Magnífico e pensoso

Nas sombras da noite
 Estrelas a brilhar
 Com um mundo a espera
 Mas que também não espera
 Para novas histórias presenciar

Percebemos que a aluna “Patica” considera os momentos vivenciados com seu avô como sendo muito ricos em conhecimento. São várias histórias, sonhos e decepções que servem como exemplo de amadurecimento pessoal. Ela ainda reforça a importância de eternização desses momentos, através da memória.

A segunda atividade abordou a temática da memória de um lugar marcante na vida dos alunos. Não foi difícil encontrar esse tipo de situação, visto que, além das memórias de infância, alguns alunos da turma já haviam mudado de endereço várias vezes, tinham morado em outros municípios e até em outros estados do país. Esses alunos se identificaram muito com a maior parte dos capítulos do livro *Oiteiro*, principalmente, quando a autora lembrava saudosamente de sua casa no engenho Oiteiro.

Para expressar as interpretações dos alunos desse grupo sobre a temática abordada, foi feita a leitura de um texto autobiográfico produzido em forma de poema. A aluna “Tonha” leu um texto de sua autoria, produzido a partir de uma memória sua e da leitura do capítulo 01, intitulado “Reminiscências”, do livro *“Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça”*, 2003. Nesse capítulo, a autora Magdalena Antunes descreve com riqueza de detalhes a casa grande do engenho Oiteiro e como eram adornados seus jardins.

Há nesse capítulo a presença muito forte do texto narrativo-descritivo, envolvendo emoções, sentimentos e sensações de quem tenta reconstituir fatos passados no presente por meio da lembrança e da lembrança de tempos que ficaram marcados na memória.

Nesse mesmo sentido, a aluna “Tonha” reviveu um tempo em que ela morou em uma fazenda no interior e que lhe trazia boas recordações. No seu texto é possível perceber uma forte presença de sons, cheiros, cores e sensações acerca de suas vivências naquele lugar.

O texto produzido por “Tonha” foi lido com a utilização de uma trilha sonora instrumental, escolhida pela própria aluna, a fim de conciliar ainda mais a temática abordada com os sentimentos e as emoções sentidas por ela, antes, durante e após a leitura do texto. Além disso, o texto foi produzido em versos, pois, para ela essa era a forma mais adequada para expressar suas memórias e recordações de infância.

Figura 18 - Texto produzido pela aluna "Tonha"

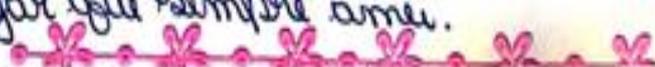
Depois da beirada 
 Lembrou-me de ainda criança
 Da estrada de areia
 Da montagem da porteira
 Do grande sol a brilhar

 Um senhor, uma rapariga
 Que seguia-me junto a estrada
 As pisadas a guarnir, a carreira
 Para chegar um fim, a ponta da casa

 Chiuvo de verde e gotas de suor
 Sentada ao beirado da calçada
 A vista, as várias maneiras
 De pintar o quomodo utular

 Ah! Que saudades
 De 'minha' fazenda querida
 Dos moitos mais que baguinhos
 Onde sono na mimamo que paz

 A alegria do campo
 Resumia-se em cantos
 Dos porcos, repletos e usando
 Em meu retarão os encantos

 Contudo, resta apenas saudades
 Da aurota e do perfume
 Dos caralés e das verduras
 Do lugar que sempre amei. 

É possível perceber que as memórias do lugar onde a aluna “Tonha” morou na infância são muito marcantes. Há uma riqueza de detalhes muito grande. Ela tenta reproduzir nas suas lembranças os cheiros, os sons e os sentimentos de outrora.

A produção de texto da aluna “Tonha” configurou-se como exemplo bastante significativo da ampliação da percepção social a partir da escrita autobiográfica e memorialística.

A terceira atividade consistiu na produção e leitura de um texto em prosa, realizada pelo aluno “Zé Mossoró”, baseado em uma memória sua de uma viagem em família para a cidade de Fortaleza/CE e na leitura do capítulo 03 da obra Oiteiro, intitulado “A partida”, em que Magdalena Antunes retrata a sua viagem até o Colégio São José, no Recife/PE. A autora descreve os lugares por onde passa e suas reflexões sobre o que significava aquele momento.

Magdalena Antunes descreve com detalhes toda a agitação da família no início da manhã do dia em que iria viajar para o Colégio São José. Há um misto de alegria e ansiedade por ocasião de tão importante momento para todos os familiares.

Contudo, para Magdalena os sentimentos mais evidentes são as dúvidas e as incertezas que surgiam a cada instante em relação a essa nova experiência de vida. Ao mesmo tempo em que a autora observa atentamente os lugares por onde passa e suas histórias, sente-se triste ao deixar para trás a beleza e o encantamento do Engenho Oiteiro.

No texto apresentado pelo aluno “Zé Mossoró”, há uma constituição narrativo-descritiva que retrata as ações inusitadas ocorridas durante o percurso dessa viagem, bem como, as reflexões e impressões que ele teve sobre o lugar e as pessoas que faziam parte daquela situação.

A escolha da narrativa foi feita baseando-se em algumas semelhanças com o capítulo do livro: uma viagem em família, o destino era um lugar distante e foi uma experiência pessoal que ficou marcada na memória do aluno “Zé Mossoró”. Além disso, segundo ele, os seus familiares gostam de relembrar esse fato como uma “aventura” coletiva.

Na sequência, temos a produção do aluno e a partir dela percebemos mais uma vez o entrelaçamento entre experiências individuais e coletivas dos sujeitos.

Figura 19 - Texto produzido pelo aluno "Zé Mossoró"

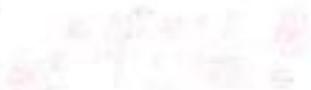


A viagem

Quando eu tinha aproximadamente 33 anos de idade, minha mãe e meus irmãos mais velhos decidiram fazer uma viagem para Fortaleza/CE. Planejamos como seria o roteiro e o que iríamos fazer nos lugares onde passaríamos. Organizamos as malas uma semana antes e no dia marcado acordamos bem cedo. Às 4 horas da manhã, nos arrumamos e ficamos esperando meu tio que viria nos buscar.

Estávamos muito ansiosos. Quando ele chegou, colocamos as malas bem rapidinho no carro e fomos embora para nossa tão sonhada viagem em família. Eu acabei dormindo durante um bom tempo da viagem. Paramos em um pequeno restaurante e tomamos café. Eram umas 8 horas da manhã e o restaurante estava lotado. Muitos carros, ônibus e carretas estavam parados no posto de gasolina ao lado do restaurante.

Após o café da manhã, seguimos viagem e ao meio-dia chegamos ao nosso destino. Almoçamos e passeamos um pouco pela cidade. Chegamos ao hotel às 19 horas. Fui descansar um pouco e acabei adormecendo. Minha mãe e meus irmãos saíram para comprar algumas coisas e quando voltaram já era noite. Fomos dormir às 22 horas, pois estávamos muito cansados e queríamos acordar bem cedo para aproveitar o máximo possível.





Na manhã seguinte, passeamos por várias praias e conhecemos muitos pontos turísticos da cidade de Fortaleza. Um dos lugares que mais gostei de conhecer foi a feirinha da Praia de Iracema. O movimento na feirinha era muito grande. Tinham muitas pessoas vendendo artesanato e muitos turistas fazendo compras. Depois de dois dias bastante agitados, voltamos para nossa querida cidade. Gosto muito de lembrar dessa viagem em família. Espero visitar novamente a cidade de Fortaleza qualquer dia desses. Foi uma viagem realmente inesquecível.

Fonte: Acervo da pesquisa

Diferentemente da maneira narrada por Magdalena Antunes no capítulo do livro *Oiteiro* no capítulo “A partida”, as memórias do aluno “Zé Mossoró” são contadas como um evento alegre, divertido e que deixou muita saudade.

Em se tratando da organização da atividade do quarto grupo, sobre a temática da feira da cidade, os alunos do grupo pertenciam a famílias que já eram feirantes há muito tempo na cidade. Além disso, alguns desses familiares também já frequentaram outras feiras em outros municípios, tais como: Taipu (a cerca de 20 km) e João Câmara (a cerca de 50 km). Os alunos também tinham lido o capítulo 15 da obra, intitulado “A feira” e propuseram escrever um texto explicativo sobre as semelhanças e diferenças entre a feira retratada na obra e como eram na atualidade. Esse texto seria apresentado na Feira Cultural e ao mesmo tempo os

alunos desse grupo montariam uma barraca representando o contexto real das feiras.

Nesse sentido, os componentes do grupo perceberam que não bastaria apenas ler o capítulo do livro e observar as feiras na atualidade. Os alunos decidiram então entrevistar locatários do Mercado Público Municipal, feirantes, lojistas e ambulantes mais antigos, a fim de coletar informações sobre as principais mudanças ocorridas na estrutura e organização da feira.

No livro *Oiteiro*, Magdalena Antunes descreve as suas impressões sobre o movimento da feira, observada das janelas do Solar dos Antunes. Os alunos desse grupo foram ao mesmo local de onde Magdalena fazia suas observações e fizeram o registro fotográfico do espaço onde ocorre a feira atualmente. Sobre as entrevistas realizadas, estas foram baseadas em questões simples para permitir respostas mais espontâneas e subjetivas.

Figura 20 - Feira Livre (registro feito do Solar dos Antunes)



Fonte: Acervo da pesquisa

Contudo, os alunos resolveram entrevistar o professor e historiador Gerinaldo Moura. Para tanto, pediram autorização para gravar sua explanação e depois transformar a entrevista junto com outras entrevistas e depoimentos num texto explicativo com a história das transformações ocorridas na feira da cidade.

O aluno “Juvenal Antunes” fez a leitura do texto explicativo para os ouvintes, explicando como havia sido organizado aquele momento e as aprendizagens adquiridas com o trabalho realizado. Os alunos assumiram os papéis de vendedores da feira livre. Simularam também os fregueses e frequentadores da feira. Retrataram os senhores de engenhos e as suas senhoras, mas também as pessoas simples e

humildes daquela época e de hoje. A ideia deles foi estabelecer um diálogo entre a visão da feira sob a ótica da autora e relacionar com os depoimentos dos feirantes e comerciantes nos dias atuais, observando as diferenças e as semelhanças existentes.

Figura 21 - Barracas da Feira Livre



Fonte: Acervo da pesquisa

Para imprimir ainda mais dinamismo à atividade, os componentes desse grupo resolveram montar barracas semelhantes aquelas registradas por eles na feira livre da cidade. Ainda simularam o anúncio e a venda de produtos na feira, utilizando o próprio nome do evento para reforçar as suas aprendizagens e vivências nos contextos de feira.

Nossa quinta atividade trouxe como temática principal o contexto da escravidão na época em que Magdalena Antunes viveu e a relação que ela estabelecia com os escravos do engenho Oiteiro, em especial, nas figuras de Tonha e Patuca, que moravam na casa grande do engenho.

Todavia, o trabalho realizado anteriormente pelo aluno “Martinho” foi muito importante para a compreensão da importância do negro na constituição social do Ceará-Mirim de hoje, e, principalmente, o papel de Tonha e Patuca na vida e obra de Magdalena Antunes.

Figura 22 - O aluno “Martinho” tocando atabaque



Fonte: Acervo da pesquisa

Junto com os alunos do grupo, o aluno “Martinho” pesquisou sobre a história dos negros no Brasil e por ele fazer parte de um grupo de capoeira da comunidade de Riachão, onde reside nos trouxe a ideia de correlacionar essa experiência com os capítulos 05 e 06 da obra *Oiteiro*, intitulados “Tonha e Patuca” e “A libertação”, com uma apresentação de capoeira em que ele, junto ao grupo, pudesse explicar para os alunos das outras turmas da escola a influência e a importância dos negros para nossa cultura e na obra *Oiteiro*.

O grupo conseguiu realizar uma entrevista com o professor e historiador Gerinaldo Moura. Na ocasião, os alunos trataram de abordar a importância do negro para a constituição social de Ceará-Mirim. Porém, a abordagem selecionada não se limitou apenas ao trabalho escravo, abrangendo outras dimensões, como por exemplo, nas manifestações culturais, nos costumes, na organização geográfica e características étnicas de habitantes de algumas comunidades locais, como o distrito Coqueiros, localizado a 18 km da sede do município de Ceará-Mirim.

Sob a articulação do aluno “Martinho” vieram se apresentar na Feira Cultural alguns componentes do grupo de capoeira da comunidade de Riachão, distrito do município de Ceará-Mirim. Foram dois momentos distintos: no primeiro, um breve histórico sobre a origem da capoeira no Brasil. E no segundo, a apresentação da roda de capoeira.

Figura 23 - Apresentação de roda de capoeira

Fonte: Acervo da pesquisa

A apresentação de roda de capoeira foi muito contagiante. Alguns alunos de outras turmas também participaram desse momento, ora jogando capoeira, ora cantando as músicas características desses momentos. Ao final, o aluno “Martinho” falou um pouco mais sobre o grupo de capoeira ao qual ele pertencia e fez um apelo para que antes de qualquer julgamento precipitado ou aversão à história do negro e da capoeira, era preciso conhecê-las para valorizá-las não como movimento ou dança, mas como parte essencial da nossa cultura e de nossa identidade.

5.1.4 Perspectivas e possibilidades a partir da literatura

Nesta aula fizemos uma análise de todas as etapas da nossa pesquisa, principalmente, da sequência básica do letramento literário. Ouvimos todas as opiniões dos alunos. Registramos suas críticas, seus elogios, suas dificuldades, seus anseios e suas felicitações para com o êxito do trabalho.

Esse momento de escuta foi de fundamental importância para sabermos se o que fizemos em conjunto provocou aprendizagens significativas não apenas no âmbito de conteúdos curriculares previstos, mas também para a vida dos alunos como sujeitos inseridos no grupo e contexto social distinto.

Nesse sentido, a obra literária *Oiteiro: Memórias de uma sinhá-moça (2003)* foi crucial para provocar nos alunos o alargamento da percepção social, cultural, histórica e o sentido de pertencimento dos alunos em relação ao lugar em que vivem. Essa amplitude da percepção proporcionada pela literatura contribuiu decisivamente para o êxito de todo o nosso trabalho.

Nosso registro mais significativo foi a participação efetiva de todos os alunos em níveis distintos de colaboração, mas com a compreensão da importância, da percepção e do protagonismo de cada um e de todos eles na construção da memória cultural coletiva.

Essas atividades possibilitaram várias aprendizagens tanto para os alunos da turma do 9º ano quanto para os demais alunos da Escola Municipal Professora Adele de Oliveira que tiveram oportunidade de conhecer aspectos importantes da obra *Oiteiro* e perceberem a relação entre a literatura e a escrita autobiográfica, memória na constituição social de um povo.

Houve avanços significativos do ponto de vista da leitura, da escrita e principalmente de concepção da importância dos textos autobiográficos. Fizemos vários registros desses avanços através da produção de textos escritos e audiovisuais. Entretanto, devido à quantidade de alunos que compunham nossa turma, resolvemos selecionar o texto a seguir como exemplo da mudança de percepção ocorrida durante e depois da execução do nosso trabalho de pesquisa.

O texto foi produzido pela aluna “Carlotinha”, uma das alunas que mais se envolveu emocionalmente na leitura e escrita de textos autobiográficos. No seu texto, ela resume de uma forma bem geral como foram realizadas as nossas aulas e quais os momentos que proporcionaram maior satisfação e empolgação.

Há claramente o relato de como as aulas vivenciais ajudaram-na a perceber as problemáticas sociais que envolvem a preservação e conservação dos espaços e patrimônios públicos citados na obra *Oiteiro* e tantos outros que existem na sua cidade.

Por fim, o que mais nos deixou felizes foi o desejo que a aluna revela de praticar cada vez mais a escrita autobiográfica e através dessa prática ter a consciência de que carrega consigo histórias de vida de outras pessoas que convivem no mesmo tempo e espaço.

Figura 24 - Texto produzido pela aluna "Carlotinha"



Recordando minhas aulas

O primeiro contato que tivemos com a obra foi com uma peça teatral escolar em Massangana. Vimos a história de Madalena Antunes que carrega junto consigo a história de Leirá-Mirim e de como era a vida das mulheres e ex-escravos no contexto da época.

Ao ler os trechos e o próprio livro na sala de aula, vi coisas subjetivas que mostravam muito além da vida da autora, mas sim de todas as pessoas que com ela conviveram e no lugar em que nasceu e cresceu. Com isso, aprendi que ao escrever sobre mim mesma, carrego de forma indireta o lugar e o tempo que vivo.

Ver a realidade que os engenhos se encontram ainda dá para ter uma imaginação de como eram e viviam. Adorei a aula de campo junto ao historiador Gerimoldo, porém foi um pouco decepcionante ver que do engenho e da casa grande onde Madalena cresceu, restam apenas o bueiro e um pequeno portão de ferro. Essa aula foi fantástica e os conhecimentos vistos nela, acredito que jamais esquecerei.

Nesse ano (até agora), reforcei o que já sabia sobre os textos autobiográficos e aprendi muito mais. Irei praticar muito mais o texto sobre mim mesma.

Esse texto é ilustrativo em relação ao número total de produções escritas dos alunos da turma, mas, resume toda a nossa trajetória no desenvolvimento dessa pesquisa. Além disso, nos mostra o alcance dos nossos objetivos de pesquisa, bem como, nos faz refletir sobre a importância de levar para sala de aula a literatura e através dela possibilitar o alargamento da percepção dos alunos.

Durante a realização das atividades foi possível perceber que a concepção que os alunos tinham sobre os textos autobiográficos como sendo de menor prestígio estava relacionada à falta de clareza sobre as características e objetivos de leitura e escrita desse tipo de texto. As experiências anteriores que os alunos traziam, não os faziam refletir sobre a amplitude e a importância sociocultural dos textos autobiográficos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa nos fez perceber que a presença da literatura nas salas de aula do ensino fundamental contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, emocional, psicológico, dentre outros.

Entretanto, é preciso refletirmos sobre quais obras literárias oferecemos e de que forma elas se relacionam com as necessidades reais e anseios dos alunos.

Trata-se de observar o contexto de sala de aula, o perfil dos alunos e as temáticas mais pertinentes ao seu contexto de vida.

Nossa pesquisa teve como propósito investigar por que os alunos do 9º ano da Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira consideravam a escrita autobiográfica como sendo de menor prestígio e nos fez refletir sobre quais as experiências de escrita autobiográfica e quais obras os alunos já haviam lido com esse tipo de característica.

A partir desses questionamentos e de uma sondagem sobre as experiências de escrita e leitura de textos autobiográficos, selecionamos a obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), da escritora norte-rio-grandense, Magdalena Antunes para nos auxiliar na busca das respostas para nossas inquietações.

Percebemos que além da obra literária adequada ao problema de pesquisa, seria de fundamental importância escolher a melhor maneira de apresentá-la aos alunos e relacioná-la com os objetivos do nosso estudo. Dessa forma, a abordagem metodológica mais pertinente para nossa pesquisa foi a sequência básica do letramento literário proposta por Cosson (2007).

Cada uma das quatro etapas previstas na sequência básica foi marcada por atividades distintas que serviram para atingirmos nossos objetivos de pesquisa. Apesar de alguns imprevistos durante as etapas de leitura e interpretação da obra, os alunos expressaram suas opiniões, sugeriram mudanças na organização das atividades, fizeram comentários sobre as temáticas abordadas na obra e produziram textos escritos e audiovisuais, relacionando a obra à suas vivências.

O trabalho com a obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), de Magdalena Antunes fez com que os alunos percebessem como a escrita autobiográfica pode assimilar consigo aspectos importantes da memória e da cultura de um povo. Eles observaram que através desse tipo de escrita podemos entrelaçar nossas histórias, vivências e experiências, através de gerações.

Durante a etapa da leitura da obra e as seções de intervalos, nossas reflexões sobre a literatura e a leitura literária nas salas de aula do ensino fundamental embasaram-se nas premissas de diversas contribuições dos autores citados e a realidade de nossa turma. Essas reflexões fomentaram o redimensionamento e a sistematização de nossas práticas de ensino e diversificaram as formas de verificação das aprendizagens dos alunos.

Em se tratando dos momentos de realização das atividades voltadas para os alunos, tivemos a produção de textos escritos individuais e coletivos, entrevistas com pessoas da comunidade extraescolar e produção de textos audiovisuais que evidenciaram a importância e a relevância social e cultural dos textos autobiográficos.

Nossa pesquisa contribuiu para que os alunos pudessem ter acesso na íntegra a uma obra literária escrita por uma autora norte-rio-grandense que morou na mesma cidade que eles. Essa peculiaridade da obra *Oiteiro* fomentou o sentimento de pertencimento dos alunos ao contexto sociocultural retratado na obra. Embora a obra retrate a cidade de Ceará-Mirim do final do século XIX e início do século XX, muitos lugares e monumentos ainda preservam algumas características citadas por Magdalena Antunes no livro *Oiteiro*.

Nesse sentido, foi possível também, fazer uma interligação de histórias, culturas e tradições que se transformaram ao longo do tempo ou foram readequadas para o contexto atual. Sobre esses aspectos relacionados à memória social e cultural dos sujeitos, de acordo com os objetivos da nossa pesquisa, apoiamos-nos principalmente nas premissas de Halbwachs (2006) e nas contribuições de Bosi (2015).

Ressaltamos que além dos aspectos autobiográficos e memorialísticos presentes na obra literária *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), de Magdalena Antunes, podem ser encontrados aspectos históricos, culturais, sociológicos, étnicos, psicológicos, dentre outros. Essas abordagens podem sugerir outras pesquisas que amplie ainda mais a presença de obras e autores norte-rio-grandenses nas salas de aula do Ensino Fundamental.

A realização dessa pesquisa foi muito importante para nosso aperfeiçoamento profissional e para nosso crescimento humano como pessoa e como membro de uma comunidade que possui um entrelaçamento de histórias, vivências e

experiências que foram, estão sendo e serão cada vez mais transformadas e enriquecidas de geração em geração.

Não podemos esquecer-nos de enfatizar nossos agradecimentos à CAPES nacional, através de seus representantes na Universidade Federal do Rio Grande do Norte que sempre nos apoiaram e nos mantiveram motivados e atentos às normativas, as novidades e à importância do Mestrado Profissional em Letras-Profletras no cenário educacional do nosso país.

Esperamos ainda que mais trabalhos oriundos dos professores que cursam o Mestrado Profissional em Letras-Profletras versem sobre a literatura, a leitura e o letramento literário nas escolas públicas do nosso país e que cada vez mais possamos redimensionar e potencializar o ensino e a escolarização da literatura sem descaracterizá-la ou subutilizá-la para fins outros que não sejam nos fazer compreender melhor quem somos e como nos constituímos no convívio em sociedade e com os outros que nos cercam.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. E. **Ceará - Mirim de Madalena Antunes**: caminhos para o trabalho biográfico no ensino de história. 1ª. ed. Natal: Offset Editora, 2019.
- ANTUNES, M. **Oiteiro**: Memórias de uma sinhá-moça. 2ª. ed. Natal/RN: A.S. EDITORES, 2003.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 15ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012**. [S.l.]: [s.n.], 2012.
- _____. Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012. **Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**, Brasília, 12 dezembro 2012.
- _____. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Pesquisas em ciências humanas**. Brasília: [s.n.], 2016.
- _____. C. N. D. E. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- _____. M. D. E. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.
- CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÂNDIDO, A. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: [s.n.], 2009.
- COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. R. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- DESLANDES, S. F. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GASPAR, D. P. **MUCURIBE**: O Mundo Encantado de Ruy Antunes Pereira. Natal: Econômico, 1995.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.
- GOMES, E. M. R. D. S. Adelle de Oliveira: trajetória de vida e prática Pedagógica (1900-1940). Tese (Doutorado em Educação). repositorio.ufrn.br, 2009. Disponível

em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/14216>>. Acesso em: 20 setembro 2019.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JOUVE, V. **Por que estudar literatura? Tradução Marcos Bagno; Marcos Marcionilo**. São Paulo: Parábola, 2012.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. 2ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LUCENA, A. C. T. D. **O mistério do Verde Nasce**. 1ª. ed. Natal: CJA, 2018.

MELO, B. C. D. **Lugar de estórias: contos**. Natal: EDUFRN, 1998.

NASCIMENTO, G. G. D. S. F. D. **A construção autobiográfica e memorialística em oiteiro: memórias de uma sinhá-moça**. Natal/RN: [s.n.], 2015.

NETO, F. M. A. **Contos da nossa terra: contos**. Natal: Nordeste, 2004.

_____. F. M. A. **Crônicas Sensoriais**. Natal: [s.n.], 2009.

PEREIRA, N. **Lembrança de Edgar Barbosa**. Natal: UFRN, 1978.

RIO GRANDE DO NORTE, S. D. E. E. D. C. **Documento Curricular do Rio Grande do Norte: ensino fundamental**. Natal: Offset, 2018.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; RESENDE, N. L. D. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTOS, G. T. D. O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação. **Kalíope**, São Paulo, p. 94-111, julho/dezembro 2007. ISSN 2. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kaliope/article/viewFile/3744/2444>>.

SILVA, A. M. E. D. Representações negras em Oiteiro de Madalena Antunes. **monografias.ufrn.br**, 2016. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2535>>. Acesso em: 08 fevereiro 2020.

SIQUEIRA, E. **Juvenal Antunes, o inolvidável boêmio**. Natal: Nordeste, 2000.

SOUZA, A. D. M. A narradora e as contadoras de histórias em Oiteiro. **uesc.br**. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/ALDINIDA%20DE%20MEDEIROS%20SOUZA.pdf>>. Acesso em: 17 novembro 2019.

TAVARES, L. T. Madalena Antunes: as memórias da educação de uma sinhá-moça. **editorarealize.com.br**. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/>>. Acesso em: 17 novembro 2019.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. 2ª. ed. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – ALGUMAS QUESTÕES SOBRE LEITURA E LITERATURA

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE LEITURA E LITERATURA
<p>01. Você gosta de ler?</p> <p>() Sim () Não</p>
<p>02. Qual o tipo de suporte que você utiliza com mais frequência?</p> <p>() Impresso () Digital () Nenhum</p>
<p>03. Que tipo de texto você costuma ler com mais frequência?</p> <p>() Informativo () Instrucional () Literário () Nenhum</p>
<p>04. Quanto tempo por dia você dedica à leitura?</p> <p>() Nenhum () 30 minutos () 01 hora () 02 horas ou mais</p>
<p>05. Quantos livros há em sua casa?</p> <p>() Nenhum () 01 a 05 () 06 a 10 () 11 a 15 () 16 Ou mais</p>
<p>06. Quantos livros de literatura há em sua casa?</p> <p>() Nenhum () 01 a 05</p>

- 06 a 10
 11 a 15

07. Quantos livros autobiográficos você já leu?

- Nenhum
 01 a 05
 06 a 10
 11 ou mais

08. Você já escreveu textos autobiográficos?

- Sim
 Não

09. Quantos escritores ceará-mirinenses você conhece?

- Nenhum
 01 a 05
 06 a 10
 11 ou mais

10. Quantos livros de literatura sobre Ceará-Mirim você já leu?

- Nenhum
 01 a 05
 06 a 10
 11 ou mais

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FEIRANTES

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FEIRANTES
Nome:
Idade:
01. Há quanto tempo trabalha na feira?
02. Trabalha em quantas feiras?
03. Trabalha todos os dias da semana?
04. Que tipo de produto comercializa?
05. Quais as principais características da(s) feira(s) que frequenta?

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Este é um documento solicitando sua permissão para que o(a) aluno(a) participe da pesquisa *Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes, que tem como pesquisador responsável José Cláudio Ribeiro da Silva.

Nossa pesquisa tratará da importância da literatura, da escrita sobre si mesmo e das memórias construídas coletivamente.

Pretendemos que esta pesquisa contribua para que o(a) aluno(a) desenvolva cada vez mais a autonomia, criticidade e sensibilidade.

Caso você permita a participação do(a) aluno(a) nessa pesquisa, ele/ela participará de várias atividades: aulas de campo, produções de textos

individuais e coletivos, gravação de vídeos com finalidade pedagógica, que deverão ser autorizadas por você, mediante a assinatura deste documento.

Utilizaremos também a realização de questionário, entrevista, estudos de observação participante/grupo. Porém, esclarecemos que se a realização de alguma dessas atividades oferecer qualquer tipo de desconforto, constrangimento ou risco para o (a) aluno(a), o pesquisador responsável assumirá a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos; garantirá que a pesquisa será suspensa imediatamente ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, conseqüente à mesma, não previsto no registro de consentimento.

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Além disso, garantirá que os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no registro de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, terão direito à indenização.

No contexto escolar, o trabalho de pesquisa envolvendo a literatura contribuirá para o desenvolvimento vocabular, o estímulo das possibilidades intelectuais, o desenvolvimento da sensibilidade, do senso crítico e artístico, da sociabilidade e trabalho coletivo. Já em relação ao contexto extraescolar, os benefícios virão através do estímulo ao sentimento de pertencimento sociocultural, a valorização das produções literárias de autores locais, relacionando – as com questões mais globais.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para José Cláudio Ribeiro da Silva, Rua Floriano Ferreira da Silva, 285, enviando mensagem para lclaudiords@yahoo.com.br ou ainda entrando em contato pelo telefone (84) 9 9141-6227.

Você tem o direito de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para o participante.

Os dados que o participante irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá - lo. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Alguns gastos pela participação do(a) aluno(a) nessa pesquisa, serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para o responsável pelo participante.

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas sejam iniciadas e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 / (84) 9.9193.6266, através do e-mail cepufnr@reitoria.ufrn.br. ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 18:00h, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Senador Salgado Filho, s/n. Campus Central, Lagoa Nova. Natal/RN.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável José Cláudio Ribeiro da Silva.

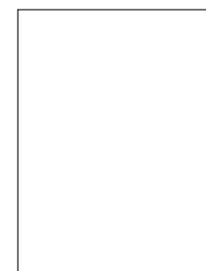
Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para o(a) aluno(a) e ter ficado ciente de todos os direitos do participante, concordo em permitir a participação do(a) aluno(a) na pesquisa *Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes, e autorizo a divulgação das informações por ele(a) fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa identifica -lo(a).

Ceará - Mirim (RN), _____ de _____ de 2019.

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa



Impressão datiloscópica
do responsável pelo
participante da pesquisa

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo *Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante dessa pesquisa, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Ceará - Mirim (RN), _____ de _____ de 2019.

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa *Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes, realizada pelo professor pesquisador José Cláudio Ribeiro da Silva, telefone (84) 99141-6227.

As atividades dessa pesquisa foram planejadas com a intenção de envolvê-lo(a) com a beleza e a riqueza da literatura, a partir da leitura do livro *Oiteiro: Memórias de uma sinhá-moça*, da escritora Magdalena Antunes.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir.

A pesquisa será desenvolvida na Escola Municipal Professora Adelle de Oliveira. Você responderá a um breve questionário que tem como finalidade identificar sua relação com a leitura e a literatura, participará de várias atividades de leitura, aulas de campo e da gravação de vídeos sobre o conteúdo do livro *Oiteiro*. No final da pesquisa serão realizadas uma feira cultural e a exposição do material desenvolvido no trabalho.

Durante a realização das atividades, serão usados livros, cadernos, canetas, papel A4 sulfite, tesoura, tecido TNT, folhas de E.V.A., coleções de madeira e hidrocor, giz de cera, régua, equipamento de multimídia, aparelhos de som, caixa de som amplificada, microfone. Se durante a realização das atividades surgir algum desconforto, dentro do ambiente escolar ou pelas circunstâncias de aplicação, dos instrumentos e recursos, você pode nos informar para solucionarmos o problema imediatamente.

Na aplicação da pesquisa prevemos alguns benefícios para você, tais como: o conhecimento de uma obra literária local, apropriação de novos saberes locais e globais, melhoria na percepção de mundo, na interpretação, na reescrita, na oralidade, dentre outros.

Ninguém, além do pesquisador José Cláudio Ribeiro da Silva, terá acesso ao material que você produzirá na pesquisa sem sua permissão e a autorização do seu responsável.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador

=====

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____
aceito participar da pesquisa *Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes.

Entendi os riscos e os benefícios que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar da pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que não haverá nem prejuízo e para mim.

O pesquisador tirará minhas dúvidas e conversará com os meus responsáveis.

Recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. A outra via ficará com o pesquisador responsável José Cláudio Ribeiro da Silva. Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

Ceará - Mirim, ____ de _____ de _____

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador

ANEXO E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, _____,

AUTORIZO o professor José Cláudio Ribeiro da Silva, responsável pela pesquisa intitulada – *Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes, a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos e vídeos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

O pesquisador responsável José Cláudio Ribeiro da Silva, assegurou-me que os dados serão armazenados em disco rígido do computador particular, sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ceará - Mirim, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

ANEXO F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ**

Eu, _____,
depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada *Oiteiro*: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta e geração de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha participação, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador José Cláudio Ribeiro da Silva a realizar a gravação de minha participação nas atividades sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citado em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados e gerados serão usados exclusivamente para fornecer informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador José Cláudio Ribeiro da Silva, e após esse período, serão destruídos e,
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ceará - Mirim, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável